

# Ramsés II e a batalha de Kadesh

---

*Descrevemos um  
facto histórico,  
o conflito entre Egípcios  
e Hititas pelo domínio  
da Síria e o seu culminar  
numa batalha  
perto das muralhas  
de Kadesh.  
O evento chegou até aos  
nossos dias através  
de um conjunto  
de representações,  
textos gravados na pedra  
ou escritos em papiro,  
obra de escribas  
e artistas egípcios,  
e de um pequeno acervo  
de testemunhos hititas  
que a ele se referem  
mais ou menos  
directamente.*

**Paulo Carreira**

*Centro de Estudos  
em Ciência das Religiões.  
Mestrando em História  
e Cultura Pré-Clássica  
na Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa*

---



---

## 1. *Introdução*

---

No presente trabalho, usaremos os conceitos de História e Historiografia, os quais é importante clarificar desde já; fá-lo-emos de acordo com o significado primeiro que tinham no Grego de onde são derivados.

A palavra *ἱστοριογραφία* (escrever a História, Historiografia) resulta da adjunção de *ἱστορία* (relação verbal ou escrita daquilo que se investiga, História) e *γραφειν* (gravar, registar, escrever). Assim, *ἱστοριογραφειν* é escrever a História e *ἱστοριογραφος*, aquele que a escreve. Escrever História, pressupõe a existência de um documento *Histórico* gravado na pedra, inciso em placas de argila, escrito em papiro, pergaminho ou papel, onde se fala das causas de um dado acontecimento, desse mesmo acontecimento e das suas consequências.

A batalha de Aljubarrota, por exemplo, teve como causa a pretensão de um rei castelhano ao trono de Portugal, desenrolou-se sob a forma de um combate entre dois exércitos que usaram determinadas estratégias, teve uma consequência a curto prazo, a vitória dos portugueses, e uma, a longo prazo, a consolidação da independência nacional; foi/é um facto histórico e, a seu respeito, escreveram Fernão Lopes e Froissart. A análise desses documentos, o modo de cada um deles escrever a História, pertence à *Historiografia*.

Não encontramos entre os Egípcios um conceito de História entendida de acordo com o que foi dito no pará-

grafo anterior. Vê-lo-emos um pouco nos Hititas e nos Hebreus, principalmente nos Gregos. Há, entre os filhos do Nilo, uma personagem, o Rei que desafia a História e a transcende, É, por definição, um vencedor ou melhor o vencedor. A História, termo que não tem equivalente em egípcio<sup>1</sup> é, modelada de acordo com este pressuposto e a compreensão do texto implica o conhecimento prévio de uma chave de leitura. É sempre o outro que pede a paz, o sopro da vida, ao soberano da Terra Negra.

Se não podemos em rigor falar de uma historiografia egípcia, isto não nos impede de procurarmos ser nós fazê-la, de interpretar o seu modo de relatar um acontecimento histórico, tendo em mente o que anteriormente foi dito e comparando os seus textos com outros testemunhos sempre que eles existirem. É o método que seguiremos ao analisar a rivalidade egípcio-hitita e o seu momento mais significativo que se desenrolou num campo de batalha, não longe das muralhas de Kadesh.

As fontes históricas a que recorreremos são constituídas por dois textos – o «Poema da Batalha de Kadesh» da autoria do escriba Pentaweret<sup>2</sup> e uma versão bastante mais sintética, designada por «Texto do Boletim» – recorrendo à tradução feita por K. A. Kitchen<sup>3</sup>. Ambos se referem à batalha, ferida no ano quinto do reinado do faraó Ramsés II, 1286 a.C., entre este e uma coligação chefiada pelo rei hitita, Muwattali II.

Usámos também alguns textos transcritos de uma *Historiografia Hitita*<sup>4</sup> os quais permitem, à falta de uma descrição completa da batalha<sup>5</sup>, compreender a visão dos adversários de Ramsés. Igualmente se apresenta em Anexo, nas suas versões egípcia e hitita, o tratado de paz e aliança que foi posteriormente celebrado entre os dois países.

---

## 2. Os antecedentes do conflito

---

### 2.1 A Síria e as rotas comerciais

O conflito egípcio-hitita, teve por base a luta pela posse da Síria e, muito concretamente, do Amurru<sup>6</sup>. A importância destas regiões está relacionada com as rotas comerciais, marítimas e terrestres, que prevaleciam no Egito do Império Novo e em todo o Próximo Oriente antigo.

Havia duas rotas marítimas importantes<sup>7</sup>:

1 – De Micenas, Creta e Alashya (Chipre) para Biblos e daí para o Egito e Chipre exportava o cobre, imprescindível numa altura em que as armas eram de bronze<sup>8</sup>, das

<sup>1</sup> CARREIRA, *A História antes de Heródoto*, p. 17.

<sup>2</sup> O nome aparece normalmente como *Pentaur* (DAE), *Pentaour*, cf. LALOUETTE, C. “L’empire des Ramsès”, *Histoire de la Civilisation Pharaonique*, vol. III, Paris, Flammarion, 1995. Tendo tomado por base a tradução de Kitchen que usa a grafia Pentaweret, julgámos razoável mantê-la no presente texto.

<sup>3</sup> «Poema da batalha de Kadesh» e «Texto do Boletim», KITCHEN, K. A. (trad.). “The Context of Scripture”, vol. II, *Monumental Inscriptions from the Biblical World*.

<sup>4</sup> CARREIRA, *Historiografia Hitita*, Lisboa.

<sup>5</sup> Ao que sabemos, não foi encontrada qualquer versão hitita da batalha de Kadesh., cf. QUESADA, F., “La victoria de Ramsés II en Kadesh”, *La Aventura de la HISTORIA*, Año 5, nº 50, Diciembre 2002, p. 85

<sup>6</sup> CARREIRA, *História antes de Heródoto*, p. 10

<sup>7</sup> MANLEY, *Atlas historique de l’Égypte ancienne*.

<sup>8</sup> O bronze é uma liga de cobre e estanho e aparece no Egito *circa* 2000. O estanho era importado do Irão e adicionado sob a forma de cassiterite (dióxido de estanho, Sn O<sub>2</sub>), o cobre era também extraído das minas do Sinai. À liga fundida, juntava-se carvão de madeira, uma vez que o carbono reduzia os óxidos e aumentava a dureza e resistência mecânica do material. Cf. BRAUDEL, F., *Les Mémoires de la Méditerranée*, p. 118.

Ilhas Gregas vinham preciosos vasos. A presença de mercadores da Grécia continental e de Creta remonta à época de Amarna.<sup>9</sup>

2 – A Rota de Punt (Eritreia) que bordejava a costa ocidental do Mar Vermelho. Aqui se carregavam ébano, marfim, macacos, aves e plumas, peles e animais selvagens. O produto mais apreciado era, todavia, o incenso. Sabemos o cuidado com que Hatshepsut mandou plantar no Egípto as árvores de cuja seiva era extraída esta substância, tão utilizada em cerimónias cultuais<sup>10</sup>.

Igualmente importantes eram as rotas terrestres. Imensas caravanas de burros pesadamente carregados atravessavam os desertos, transportando as riquezas da Arábia e o lápis-lazúli do Afeganistão. O percurso habitual subia ao longo do Eufrates até Babilónia, atravessava o deserto da Alta Síria, com paragens no Mitanni e em Aleppo. Daí derivava para o Hatti ou descia ao longo do Mediterrâneo, pela Fenícia e Canaã. Passava por cidades importantes como Kadesh, Megiddo e Gaza.

Ao Norte, Ugarit recebia navios de Chipre, exportava tecidos de linho e lã, azeite, vinho, perfumes e unguentos.

É importante lembrar que o Egípto não possuía madeira de qualidade, para além da acácia e do sicómoro. A boa madeira para mobiliário e construção (cedro, cipreste e carvalho) tinha de ser importada do Líbano. Para além disto, a manutenção do corpo de carros de combate, a elite do exército egípcio, exigia um afluxo contínuo de madeiras leves e resistentes (freixo, salgueiro e carpa – *carpinus betulus*). Estas provinham do Mitanni e eram comercializadas por mercadores sírios; entre Biblos e o Delta circulava um importante comércio destes materiais.

A costa fenícia era portanto a chave das riquezas asiáticas e quem a dominasse detinha o mais frutuoso comércio do mundo de então. No Império Novo, havia poderosos candidatos nele interessados: O Egípto que ali mantivera uma hegemonia que vinha dos Tutmósidas, o Mitanni, o Império Hitita e a Assíria que se começava a afirmar como grande potência.

## 2.2 A expansão egípcia e o confronto com o Hatti

Em c. 1314, o general Pa-Ramessu subiu ao trono como o nome de Ramsés I e morreu ao fim de dois anos; dando início à XIX Dinastia. O novo faraó não era de sangue real; originário do Delta Ocidental, terá talvez nascido em Qantir<sup>11</sup> e servira no exército de Horemheb. Seu filho, Seti I, defrontou-se, pela primeira vez, perto de Kadesh, com os Hititas<sup>12</sup>. A batalha foi inconclusiva e o faraó teve de acorrer à fronteira ocidental do Delta onde os Líbios se tornavam ameaçadores. Ramsés II (1301-1235), que sucedeu a Seti I, viu-se obrigado a instalar uma nova capital, Per-Ramsés<sup>13</sup>, no Delta Oriental, mais perto da fronteira com a Ásia. Venceu um primeiro ataque dos «Povos do Mar», os *Sherden*, cujos sobreviventes foram incorporados no exército real. Com eles invadiu a Líbia, onde foi construída uma fortaleza perto de El Alamein.

<sup>9</sup> CULICAN, *O Comércio Marítimo*, p. 49.

<sup>10</sup> DESROCHES-NOBLECOURT, *Hatshepsut*, p. 233.

<sup>11</sup> GRIMAL, *A History of Ancient Egypt*, 1993, p. 245.

<sup>12</sup> MANLEY, *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, p. 92.

<sup>13</sup> Ou Pi-Ramsés.

Entretanto, Mursili II, rei de Hatti (1321-1295) prosseguia uma política de conquistas. Possuindo já Carchemish e Alepo, incorporou o reino anatólico de Arzawa e submeteu o Mitanni. Teve, no entanto, que fazer face às incursões dos nómadas Kaska, oriundos da zona montanhosa do Ponto, que ameaçavam a própria capital, Hattusha. Seu filho, Muwattali (1295-1271) herdou uma situação muito complexa. Investiu o irmão e futuro rei, Hattusili, como soberano de Hapkiš, confiando-lhe a fronteira norte do império. Hattusili conseguiu conter a invasão dos Kaska.

Paralelamente, era preciso fazer face ao expansionismo de Ramsés II. Em 1290, o rei Benteshina de Amurru abandonou a aliança hitita e passou para o campo egípcio. A reacção de Muwattali não foi imediata. A pouco e pouco, elaborou uma teia de alianças de tal modo eficiente que, quando em 1286 o faraó alcançou as margens do Orontes, encontrou pela frente um poderoso exército.

De acordo com o *Texto do Boletim*, espões *shasu*, ao serviço dos Hititas, conseguiram convencer Ramsés de que o inimigo se reunira em Alepo. Na verdade estava escondido do outro lado de Kadesh-a-Velha, como tardiamente Ramsés veio a saber da boca de dois prisioneiros hititas capturados e devidamente sujeitos a espancamento.

O vizir foi imediatamente despachado ao encontro das unidades militares que ainda estavam distantes e o faraó avançou apoiado por um único regimento, o de Amon, acampando nos arredores da cidade. Inesperadamente, os carros hititas lançaram um ataque de surpresa, puseram em debandada o regimento de Ré, que vinha a caminho, e atacaram o acampamento real. Numa situação extremamente grave, Ramsés foi salvo pelo seu valor pessoal, pela ajuda de Amon ou, mais realisticamente falando, pela chegada de um regimento de auxiliares *'apiru*, conhecido pelo nome de «Os Jovens», o que lhe permitiu aguentar o combate, até ao aparecimento dos regimentos de Set e de Ptah.

---

### 3. *H*istoriografia Egípcia. Textos sobre a batalha de Kadesh

---

#### 3.1 O Poema de Pentaweret

O texto intitulado *A Batalha de Kadesh*, cujo enquadramento histórico já foi referido, encontra-se gravado em inscrições, nas paredes dos mais importantes templos do Egipto: Tebas (Karnak, Luxor, Ramesseum) em Abidos e em Abu Simbel, na Núbia. Acompanha-o um grande número de representações das várias fases da batalha.

É constituído por duas linhas narrativas que se entrelaçam. Na primeira, o escriba, começando por fazer o elogio do real protagonista, intervém para esboçar o quadro em que a actuação deste, havida *a priori* como vitoriosa, se vai desenrolar. A segunda linha é uma cadeia de palavras do próprio Ramsés que a pouco e pouco vai descrevendo os problemas que enfrenta e a forma como os resolve, invoca e obtém a protecção dos deuses, ironiza acerca do comportamento das suas tropas e se coroa a si mesmo como vencedor único do prélio.

O conjunto parece muitas vezes tomar o aspecto de um conto a ser narrado perante um auditório, à semelhança da epopeia de Saladino que, ainda hoje, é contada, na terra do Egipto, a audiências interessadas.

3.1.1 *Divisão do texto*

No intuito de facilitar a sua análise, o texto foi dividido mediante dois critérios:

a) Um código de cores, como se mostra no Quadro I:

QUADRO I  
**Divisão global do texto**

Cor	Assunto
Azul	Prólogo
Negro	Relato do escriba
Violeta	Relato de Ramsés
Vermelho	Notas finais

b) Uma divisão por assuntos, de acordo com o Quadro II

QUADRO II  
**Divisão temática do texto**

(Os algarismos entre parêntesis referem-se ao número de linhas na tradução feita pelo autor deste trabalho)

Ref.	
<i>P</i> ,	Prólogo (1-47)
<i>R1</i> ,	Primeiro relato do escriba (1-57)
<i>N1</i> ,	Primeira narrativa de Ramsés (1-8)
<i>R2</i> ,	Segundo relato do escriba (1)
<i>N2</i> ,	Segunda narrativa de Ramsés (1-68)
<i>R3</i> ,	Terceiro relato do escriba (1-8)
<i>N3</i> ,	Terceira narrativa de Ramsés (1-15)
<i>R4</i> ,	Quarto relato do escriba (1)
<i>N4</i> ,	Quarta narrativa de Ramsés (1-63)
<i>R5</i> ,	Quinto relato do escriba (1)
<i>N5</i> ,	Quinta narrativa de Ramsés (1-5)
<i>R6</i> ,	Sexto relato do escriba (1-2)
<i>N6</i> ,	Sexta narrativa de Ramsés (1-30)
<i>R7</i> ,	Sétimo relato do escriba (1)
<i>N7</i> ,	Sétima narrativa de Ramsés (1-88)
<i>R8</i> ,	Oitavo relato do escriba (1-18)
<i>C</i> ,	Cólofon (1-7)

3.1.2 (*P*,) *Prólogo (1-47)*

O Prólogo é constituído pelas primeiras quarenta e sete linhas. O escriba começa por dizer que vai narrar um *triumfo* obtido pelo Rei das Duas Terras, sobre uma coligação inimiga, chefiada pelo rei de Hatti. Esta coligação é descrita com algumas diferen-

ças, Quadro III; em três momentos do texto: Prólogo (P), 1.<sup>a</sup> Narrativa de Ramsés (N1) e 1.<sup>a</sup> Narrativa do escriba (R1) e no *Texto do Boletim*.

O rei do Egípto é caracterizado através da soberania que exerce numa região determinada, do nome, da descrição física do seu perfil psicológico. Dada a importância deste assunto, ele será referido mais adiante, na análise global do texto.

QUADRO III  
Coligação que enfrenta Ramsés II em Kadesh<sup>14</sup>.

P	N1	R1	Boletim
Hatti	Hatti	Hatti	Hatti
Arzawa	Arzawa	Arzawa	Arzawa
Pidassa	Pidassa	Pidassa	Pidassa
Masa	Masa	Masa	Masa
Ugarit	Ugarit	Ugarit	Ugarit
Cades	Kadesh	Kadesh	Kadesh
Lukka	Lukka	Lukka	Lukka
Naharina		Naharina	Naharina
Dardanaya		Dardanaya	Dardanaya
Qarquisha		Qarquisha	Qarquisha
Karchemish		Carchemish	Carchemish
Qode		Qode	Qode
Mushnatu		Mushnatu	Mushnatu
	Kaska	Kaska	Kaska
	Arwana	Arwana	Arwana
	Alepo	Alepo	Alepo
	Qizzuwatna	Qizzuwatna	
		Nuhasse	
			Alshe

### 3.1.3 (R1) Primeiro relato do escriba (ls. 1-57)

Pentaweret começa por nos mostrar uma campanha militar minuciosamente planificada com os soldados convenientemente armados e abastecidos. O exército é constituído pelos seguintes regimentos:

- Divisão de Amon
- Divisão de Pré (Ré)
- Divisão de Ptah
- Divisão de Sutekh (Set)
- Um corpo de mercenários *Sherden*.

Para além da infantaria há regimentos de carros de combate e outras unidades de auxiliares que o texto não refere.

<sup>14</sup> Código de cor: Preto - referido quatro vezes; Verde - referido três vezes; Violeta - referido duas vezes; Vermelho - referido uma vez.

O avanço de Ramsés II até ao rio Orontes é descrito como um simples passeio militar que decorresse «ao longo das largas estradas do Egipto». Os chefes, de lealdade duvidosa, cujas terras atravessou, apressaram-se a manifestar a mais profunda submissão.

Muwatalli, rei de Hatti, encontrava-se junto de Kadesh. O seu grandioso exército era constituído por gente de várias regiões da Anatólia e de cidades-estados siro-palestianas. Todos teriam sido regiamente pagos.

De acordo com a *Apologia de Hattusili III*, era este futuro rei hitita, irmão de Muwatalli, quem desempenhava o papel de comandante supremo. O facto não é referido no texto que adjectiva depreciativamente Muwatalli como *desprezível, desonrado e vil*. Temeroso, não se atreve a sair do meio da sua guarda. Tudo isto contrasta com o heróico Ramsés.

### 3.1.4 (N1) *Primeira narrativa de Ramsés* (ls. 1-8)

O exército do faraó é surpreendido pelos Hititas e a divisão de Pré que se atrasara é aniquilada. Frente ao acampamento real desencadeia-se um ataque feroz e o monarca egípcio vê-se perante o inimigo. Os seus homens recuam e ele fica só.

### 3.1.5 (R2) *Segundo relato do escriba* (l. 1)

Pentaweret apresenta as palavras que o faraó seguidamente vai proferir.

### 3.1.6 (N2) *Segunda narrativa de Ramsés* (ls. 1-68)

Esta parte do poema pode ser dividida em três unidades:

- Invocação a Amon
- Chegada de Amon
- Efeitos da presença de Amon em Ramsés II

A invocação a Amon mostra claramente uma ideologia *dom-contra-dom* subjacente à relação entre o rei e a divindade. Se um conjunto de acções e comportamentos para com o deus tiverem sido executados, a protecção deste deverá automaticamente fazer-se sentir sobre o outorgante. O contrário seria um absurdo:

*Que irá o povo pensar, se (mesmo) uma leve desventura acontecer àquele que confia no teu conselho.*

Ramsés estranha a situação perigosa em que se encontra  
*Que se passa, meu pai Amon?*

Acha-se devedor da ajuda divina porque, em primeiro lugar é filho do deus. E  
*Alguma vez ignorou o pai a seu filho?*

Mais do que um filho, é um filho obediente  
*Terei feito alguma coisa fora de ti?*  
*Não ando ou me detenho segundo a tua palavra?*  
*Alguma vez desobedecei aos teus desígnios?*

... ..  
*Consegui tudo isto, ó Amon, pelos conselhos da tua boca;  
Nunca transgredi o teu conselho.»*

Desempenhou bem o seu papel, edificando e embelezando templos, cuidando que o deus (e o seu clero!) fossem abundantemente providos de alimentos e bens oriundos dos países mais longínquos. Isto contrasta com o comportamento dos asiáticos que são *desprezíveis e ignorantes de Deus*, que podem eles significar para Amon? Que o deus ajude a seu filho que nele confia e o povo o servirá com prazer. Poderá subentender-se que, no caso contrário, Amon denunciaria o pacto com o Egípto e não mais mereceria ser cultuado? Seria ir longe de mais; como provara o fracasso de Akhenaton.

O texto que se segue, linhas 30-47, é um comovente apelo à protecção divina. O faraó encontra-se abandonado pelos seus homens e diante dele está uma multidão imensa de inimigos:

*...estou entre multidões que não conheço  
Todas as nações estrangeiras se uniram contra mim.*

Sabe que isto não é um problema para ele, se tiver a ajuda do divino pai, do *extremo da terra* ele apresenta o seu pedido, com a voz ressoando nos templos de Tebas onde reside Amon, o Senhor da Vitória. Este honra o contrato e surge diante do seu real filho a quem encoraja e impele para as fileiras inimigas. A partir deste momento tudo se altera. Ramsés transfigura-se, torna-se *semelhante* a Montu e a Set e sob esse aspecto divinizado mata os inimigos que, à vista dele, perdem a iniciativa e caem indefesos sob os seus golpes.

### 3.1.7 (R3) *Terceiro relato do escriba* (ls. 1-8)

O narrador mostra um Muwattali que se esconde cobardemente no meio das tropas. Está aterrorizado com o ataque solitário e fulgurante de Ramsés. Agrupa os seus carros de combate e envia-os de novo contra o faraó.

### 3.1.8 (N3) *Terceira narrativa de Ramsés* (ls. 1-15)

Ramsés contra ataca com a mesma força de antes e de novo se instala o pânico entre os seus adversários. Estes reconhecem que não é um homem mas um qualquer deus. Baal ou Set. A sua visão terrífica enfraquece os homens, de tal modo que só há salvação na fuga.

### 3.1.9 (R4) *Quarto relato do escriba* (l. 1)

O faraó lança-se em perseguição dos fugitivos, como uma ave de rapina.

### 3.1.10 (N4) *Quarta narrativa de Ramsés* (ls. 1-63)

Este longo trecho é constituído por duas unidades:

- Imprecação ao exército egípcio
- Episódio com o escudeiro Menna

A primeira unidade reveste-se de particular interesse para o historiador dado que descreve a relação entre o faraó e o seu exército. É estranho que um libelo deste tipo figure nas paredes dos templos de Amon. Se é certo que exalta o papel do deus, enquanto Senhor da Vitória, e o heroísmo do faraó, a verdade é que lança uma vergonha «eterna» sobre todo o exército egípcio desde os seus generais até ao mais humilde soldado.

*Como são cobardes os vossos corações, guerreiros dos meus carros  
Também não vale a pena confiar em vós!»*

... ..

*...haveis-me desiludido, todos vós  
Nenhum (homem) de entre vós se manteve firme  
Para me ajudar enquanto lutei*

(linhas 24-26)

*O mal que as minhas tropas e os guerreiros dos meus carros fizeram  
É maior do que pode ser contado»*

(linhas 36-37)

*...comigo não estava um comandante  
Um cocheiro, um soldado de infantaria, um moço de estrebaria*

(linhas 42-43)

Começemos por ver que em todo este longo exórdio não há uma palavra de censura que se refira aos mercenários *sharden*. Pode muito bem ser que a frase

*Mantende-vos firmes, sede de coração intrépido, ó minhas tropas*

(linha 3)

lhes seja dirigida.

Estará, então o faraó totalmente abandonado? Ele assim o afirma (linhas 42-43) . No entanto, acompanha-o a equipagem normal do seu carro de guerra: o escudeiro Menna (linha 53) e os seus mordomos (N7, linha 23)

A fuga dos (outros?) soldados é cruelmente sentida como uma quebra de contrato entre eles e o rei. Há um paralelo, com a situação descrita em N2: o contrato entre Amon e Ramsés. É semelhante na sua estrutura, o discurso do faraó. Ele favoreceu a casta militar (superior?) com privilégios de todo o tipo e esta deixou-o entregue à sua sorte. É uma prova clara da debilidade do poder do soberano, o facto de este se ver reduzido à ironia e à pregação moral. Por outro lado, não há dúvida que Ramsés agiu de forma imprudente e é melhor que todo este assunto seja apresentado de forma tão discreta quanto possível.

A interpelação de Menna é um clássico pedido de fuga. Tudo está perdido, os inimigos são demasiados, o melhor seria uma retirada. É compreensível. Contudo, Menna dirige-se a um faraó e, como tal, as palavras terão de ser outras:

*Porque te demoras aqui para os salvar?*

(linha 62)

O erro é, afinal, dos soldados que se deixaram vencer pelos Hititas e Ramsés não deveria gastar tempo com tais perdedores. Por outro lado, o pedido do cocheiro é estranho e parece deslocado no texto; efectivamente, ele já deveria ter visto a tremenda derrota que o seu senhor inflingira aos inimigos. Porquê só agora ter medo?

3.1.11 (R5) *Quinto relato do escriba* (l. 1)

Introduz a resposta do rei.

3.1.12 (N5) *Quinta narrativa de Ramsés* (ls. 1-5)

O rei tranquiliza-o, irá combater contra esses indivíduos fracos e efeminados que o cercam e fá-los-à morder o pó. Também aqui não há referência ao anterior combate.

3.1.13 (R6) *Sexto relato do escriba* (ls. 1-2)

Pentaweret mostra Ramsés preparando-se para atacar o inimigo pela sexta vez. Ora, as investidas de Ramsés sobre os Hititas, descritas no texto são os seguintes:

1.º Ataque	2.º Ataque	3.º Ataque (*)
N2 (54-68)	N3 (1-15) Perseguição N4 (1)	R6 (1-2) N6 (1-2)

(\*) Sexto no dizer de Pentaweret

Temos portanto aqui uma discordância mas que pode não ser importante. Face a uma cena tão heróica, quem se iria preocupar com rigores deste tipo?

3.1.14 (N6) *Sexta narrativa de Ramsés* (ls. 1-5)

Incorporando novamente o deus sírio Baal, o faraó dizima os inimigos. Este espectáculo alegre o descorçoado exército egípcio. O escriba mostra-o, numa primeira fase, aproximando-se timidamente do campo de batalha onde jazem, vencidos, os exércitos da coligação. Na presença do faraó, desfazem-se em elogios e exaltam uma vitória para a qual em nada contribuíram. O mais curioso é que o texto não se refere a qualquer pedido de desculpa por parte desses homens cobardes. Os elogios ao soberano têm algo de formal e dão a entender que Ramsés não realizou senão o que dele se esperava, como filho de Amon e seu sacerdote supremo, como gestor da *ma'at*, como Rei das Duas Terras.

3.1.15 (R7) *Sétimo relato do escriba* (l. 1)

O rei vai dirigir-se ao seu corpo de oficiais.

3.1.16 (N7) *Sétima narrativa de Ramsés* (ls. 1-88)

De um modo semelhante à interpelação que fez a Amon, o faraó interroga os seus oficiais. Está novamente em causa o princípio «dom-contra-dom»: se o rei outorgou tantas benesses aos seus guerreiros (ou foi obrigado a fazê-lo) estes deveriam ter correspondido à sua generosidade com uma bravura sem limites. O equilíbrio desfez-se e a *ma'at* foi violada. Resta agora a estes homens serem olhados com desprezo por todos os egípcios.

*Não é verdade que, ao regressar, um homem se torna honrado na cidade  
Após se ter portado como um herói diante do seu senhor?  
Bela na verdade é a glória que repetidamente se ganha nos campos de batalha,  
Em velho, um homem é respeitado pela força do seu braço.*

(linhas 3-6)

Não gozarão portanto do respeito dos seus concidadãos. Estão abaixo do valor dos cavalos do rei, que em segurança o transportaram e a quem ele garante que alimentará por suas próprias mãos. Os restantes membros da equipagem do faraó, Menna e os dois mordomos serão testemunhas do seu heroísmo, do auxílio de Amon, da presença dos deuses guerreiros que o inimigo descobriu à sua custa e da terrível destruição provocada pela serpente real.

Os dois exércitos estão frente a frente. Subentende-se que a continuação do combate é incerta, as baixas poderão ser grandes. Os dois reis optam por decidir um empate. O exército egípcio fica aliviado com este arranjo:

*Na verdade a paz é excelente  
(linha 86)*

Resta agora o problema de salvar a face, numa situação destas. Uma vez que o faraó é, por definição, vencedor de qualquer combate, não é dele que deverá partir a iniciativa mas do outro lado que, também por definição, é sempre derrotado. Deste modo o rei hitita dirige uma humilde súplica a Ramsés. Reconhece-o como vencedor,

*O teu poder pesa sobre a terra de Hatti.  
(linha 71)*

*Vê, passaste o dia de ontem, matando miríades  
Vieste hoje e não deixaste herdeiros!  
(linhas 75-78)*

Como suserano de Hatti,

*Tal como a terra do Egipto e a terra de Hatti, elas são tuas,  
Tuas servas – estão a teus pés,  
Pre teu augusto pai deu-as para ti.*

(linhas 66-68)

Suplica misericórdia ao vencedor:

*É bom que mates os teus servos,  
A tua face feroz contra eles  
Sem (deles) teres piedade?  
(linhas 72-74)*

Oferece, timidamente, a paz:

*A paz é melhor do que a guerra;  
Concede-nos a respiração!»  
(linha 78)*

Estão, portanto, salvas as convenções e tudo o resto é um pró-forma. O exército apressa-se a aplaudir estas palavras. Por uma questão de cobardia ou talvez por simples bom senso, perante a realidade dos factos. De qualquer modo, Ramsés pode apresentar a sua face paternal e conceder a paz.

Um ponto curioso nesta narrativa é que o nome dos cavalos do rei que aparece em (N7,17) difere em parte do que é citado em (R1, 51). No primeiro caso temos *Vitória em Tebas* e *Mut está contente*, enquanto no segundo os nomes são *Vitória em Tebas* e *Amado de Amon*.

### 3.1.17 (R8) *Oitavo relato do escriba* (ls. 1-18)

Pentaweret narra o regresso a casa do faraó ao Egipto. Volta como partiu, na plena posse das suas forças e prerrogativas, na protecção dos deuses que o vêm saudar. Pode portanto permitir-se descansar no seu palácio, «como Ré no horizonte».

### 3.1.18 (C,) *Cólofon* (ls. 1-7)

Contém a datação do documento e a autoria do mesmo.  
Três nomes o assinam:

Amenemone – Arquivista Chefe do Tesouro do Faraó  
Amenemwia – Escriba do Tesouro do Faraó  
Pentaweret – o escriba

O primeiro é o» autor em espírito» do documento.

## 3.2 Continuidade e especificidade do texto de Pentaweret

Depois da leitura do *Poema da Batalha de Kadesh*, uma pergunta surge naturalmente: Tratar-se-á de uma obra original ou antes se radica num tipo de literatura pré-existente e, como tal, sujeita a regras precisas. Uma forma de responder a esta questão é fazer a leitura comparada de textos semelhantes. Exemplifiquemos com dois escritos que datam do Império Novo. O primeiro conta a revolta de Khamés contra os Hicsos<sup>15</sup>.

<sup>15</sup>CARREIRA, *História antes de Heródoto*, pp. 101-105.

Pode ser dividido em quatro partes:

### **Prólogo**

Relata as causas próximas do conflito. O príncipe reúne os seus oficiais e apresenta-lhes a situação de subalternidade em que se encontra.

*Digam-me para que serve o meu poder! Em Avaris está um príncipe, outro na Etiópia e aqui estou eu associado a um asiático e a um negro. Cada homem tem uma fatia do Egípto, dividindo o país comigo. Não posso passar por ele (o chefe dos Hicsos) até à altura de Mênfis, as águas do Egípto: eis que ele domina Hermópolis. Ninguém se pode estabelecer, pois é despojado pelos impostos dos asiáticos*

### **Conselho dos oficiais e cortesãos**

Estes revelam uma apetência pelo *status quo* que assegura, apesar de tudo, uma certa paz e prosperidade. Apresentam as suas razões:

*Repara, todos são leais aos Asiáticos até Cusae...estamos tranquilos na nossa parte do Egípto. Elefantina é poderosa e a parte média (do País) pertence-nos até Cusae. Os homens cultivam para nós o melhor das suas terras, o nosso gado (pode) transumar nos pântanos do Delta. Enviam-nos cevada para os nossos porcos. O nosso gado não é roubado e não há ataques...Ele detém o país dos Asiáticos e nós temos o Egípto. Contudo, se (alguém) viesse à nossa terra (atacar-nos), levantar-nos-íamos contra ele.*

*Mas eles desagradaram ao íntimo de Sua Majestade.*

Khamose decide-se pela guerra.

### **Descrição da luta**

O faraó é apresentado como o lutador principal:

*Passsei a noite no meu barco, com o coração feliz. Ao romper do dia caí sobre ele (o inimigo) como se fosse um falcão. Quando veio a hora do almoço, ataquei-o. Derrubei as suas muralhas, matei a sua gente, fiz descer a sua mulher para a beira-rio. Os meus soldados eram como leões com os seus despojos, tendo servos, gado, leite, gordura e mel, dividindo a sua propriedade de corações alegres.*

### **Regresso do vencedor a Tebas**

Khamose regressa em triunfo.

*Todas as faces estavam resplandecentes. O país afluía. As margens do rio corriam impetuosas. Tebas estava em festa. Mulheres e homens vieram ver-me. Cada mulher abraçava o seu companheiro. Não havia lágrimas em nenhuma face*

Segundo texto:

É retirado dos Anais de Tutmés III e relata uma batalha às portas de Megiddo em 7 de Maio de 1468<sup>16</sup>.

<sup>16</sup>CARREIRA, *História antes de Heródoto*, pp. 104-105.

### **Prólogo**

O faraó, na presença dos oficiais, como no caso anterior, expõe a situação política que se vive no momento:

*Chegou esse [miserável] inimigo de Kadesh e entrou em Megiddo. Está [ali] neste momento. Juntou a si os príncipes de [todo o] país estrangeiro[que tem sido] leal ao Egípto, assim como gente de tão longe como Naharina e Mittani, os Hurru, os de Qode, os seus cavalos, os seus exércitos [e o seu povo], porque ele diz - assim se conta- 'Vou esperar [aqui] em Megiddo [para combater contra Sua Majestade].*

### **Conselho dos oficiais e cortesãos**

Há dois caminhos alternativos para chegar à cidade, um deles um estreito desfiladeiro e outro mais praticável (mais longo?). Desaconselham a primeira alternativa.

*Que vos parece quanto a tomarmos este [caminho] que se torna [tão] estreito? Diz-se que o inimigo está lá, aguardando [de fora, enquanto] se tornam mais numerosos. Não terão de ir, cavalo atrás [de cavalo, e o exército] e o povo de modo semelhante? Irá estar a nossa vanguarda a combater, enquanto a [retaguardas] fica esperando aqui em Aruna, impedida de combater? Ora há aqui duas estradas - eis, é para leste de nós, de modo que vai sair a Taanak. A outra - eis, é para o lado norte de Djefti, e vamos sair a norte de Megiddo. Que o nosso senhor vitorioso avance por uma que seja [do agrado do] seu coração mas não nos faça ir por esta estrada difícil.*

Também aqui os generais preferem a facilidade à aventura mas vão ter que se dobrar à vontade real.

*...a minha Majestade avançará por esta estrada de Aruna! Quem de vós desejar que vá por essas estradas de que falais; e quem de vós desejar venha atrás da minha majestade! Eis, vão eles dizer, estes inimigos que Ré abomina, 'eis que Sua Majestade envereda por outra estrada, porque ganhou medo de nós' - assim falarão.*

A isto só pode haver uma resposta:

*Que o teu pai Amon, Senhor dos Tronos dos Dois Países, que preside sobre Karnak aja ( de acordo com o teu desejo )! Eis que nós seguimos a tua Majestade para onde quer que [a tua Majestade] vá, pois um servo estará atrás do [seu] senhor*

### **Descrição da luta**

Não é feita na primeira pessoa do singular, como no texto anterior mas mesmo assim constitui um hino à coragem do faraó. Surpreendidos com a arriscada manobra do exército egípcio, os inimigos fogem para a cidadela.

*Então Sua Majestade carregou contra eles à frente do seu exército. Quando viram Sua Majestade carregando, fugiram apressadamente para Megiddo com faces de medo, abandonando*

*os seus cavalos, os seus carros de ouro e prata, guindados pelas vestimentas para dentro da cidade. Pois tinham fechado a cidade atrás deles e agora faziam descer peças de roupa para os puxarem para dentro da cidade.*

Pela primeira vez aparece uma censura ao comportamento dos soldados.

*Ora, se as tropas de Sua Majestade não tivessem determinado (lit. posto os seus corações) pilhar os seus haveres, teriam capturado Megiddo nesse momento, quando o miserável inimigo de Kadesh e o miserável inimigo dessa cidade estavam a ser puxados à pressa para cima, para os fazer entrar na cidade.*

O *Texto do Boletim* não se afasta muito desta linha narrativa; há uma reunião com os oficiais que não souberam avisar atempadamente o rei das movimentações do exército hitita e a quem são relatadas as notícias trazidas, primeiro pelos espões *Shasu* e, mais tarde, pelos batedores capturados por uma patrulha egípcia. Não há discordâncias entre os militares e o faraó. Perante o inopinado ataque dos Hititas, também ele se arroja de encontro a eles e os vence. Só duas coisas importantes diferem dos relatos anteriores e do *Poema*:

– Ramsés é induzido em erro pelos *Shasu*, quanto à localização do exército de Muwat-tali. Trata-se de uma coisa politicamente incorrecta, a superior inteligência do rei preserva-o de qualquer engano.

– O exército é derrotado, foge e abandona o seu chefe no meio da luta. É no entanto estranho que o faraó diga que triunfou, realmente, na presença das suas tropas e dos seus carros de combate...

O exame destes textos mostra uma série de semelhanças, como se houvesse uma narrativa-padrão adequada a este tipo de assuntos, espécie de *Veni, vidi, vincit* à egípcia: Um rei audaz e depositário do triunfo, um corpo de oficiais prudente e por vezes timorato, a retumbante vitória sobre os inimigos e o feliz regresso a casa. Subentende-se que será um regresso triunfal, uma vez que há despojos para mostrar.

O *Texto do Boletim* já se desvia um pouco desta linha mas está incompleto, terminando com o triunfo do rei que, de algum modo, resgata assim a sua ingenuidade em confiar nas indicações dos trãsfugas *Shasu*. Paira uma certa dúvida sobre se terá havido ou não uma fuga dos soldados egípcios mas a bravura do faraó é convenientemente realçada.

O *Poema* difere, em maior extensão, da narrativa clássica, embora tenha com ela muitos pontos comuns: o rei é o único triunfador e o garante da vitória, a sua excepcional benevolência concede a paz (e a vida) ao derrotado.

Vejamos, no entanto, alguns pontos divergentes:

– O Prólogo está resumido (R1, 1-16). Subentende-se que terá havido uma reunião de Estado-Maior para estabelecer o plano de campanha (R1, 37-38). Não se explicita a origem da ordem trágica que levou à fragmentação do exército, viria certamente do faraó. O engajamento da luta é imediato e aqui se vão encontrar as divergências mais significativas relativamente aos outros textos:

- A derrota de uma parte do exército egípcio, o regimento de Ré, exprime-se na ausência de quaisquer ambiguidades (N4, 6-8). A fuga é generalizada e ninguém atende ao clamor do rei que tenta reagrupar as suas tropas (N2, 36-37).

- Ramsés é apresentado como suplicante (N2, 28). Isto lança uma nota algo pungente (e muito humana) no que poderia ser apenas « Se eu dei, por que não me dás tu?» transformando-se na oração fervorosa de quem se vê em perigo de vida:

*Invoquei-te, Amon  
agora que estou entre multidões que não conheço.  
Todas as nações estrangeiras se uniram contra mim,  
Eu que fui (deixado) inteiramente só, ninguém mais comigo.  
(N2, linhas 30-33)*

Está-se muito longe do rei-deus, Hórus-Falcão. É um filho que se dirige ao pai, clamando por auxílio, «Meu Deus, meu Deus por que me abandonaste?»<sup>17</sup> Aqui, no entanto, há uma profissão de fé, como em Job, «Eu sei que o meu defensor está vivo!»<sup>18</sup>

A cena do sacrifício dos inimigos, a carnificina ritual, mantém-se, todavia como nas outras narrativas. O comportamento do exército real merece, igualmente ser acentuado. Já o texto de Tutmés o apresentara mais preocupado em saquear do que na conquista de Megiddo; aqui, no entanto, é apelidado de covarde e objecto de sarcasmo. Valem menos que cavalos, são adutores que louvam pressurosamente o faraó, depois do perigo haver passado, e se apressam a aceitar um armistício.

É altura de perguntar a quem aproveita isto? Quem pode sair beneficiado com um texto como este que é gravado nos templos, lido por escribas e contado aos serões. Um texto que ridiculariza o exército desde os generais aos soldados? Ao clero de Amon, certamente. A imagem real está, é certo, convenientemente polida mas Ramsés é inimpugnável. É, por natureza do seu cargo, um vencedor e o contrário seria inadmissível. Mas não combateu sozinho, teve de implorar o auxílio de Amon, e foi este quem lhe deu forças.

O quarto e último ponto que diferencia o Poema têm a ver com o regresso do rei a Per-Ramsés. Onde está «o triunfo do Rei do Alto e do Baixo Egipto, Usimare Setepenré»? Não há despojos de guerra nem prisioneiros para serem exibidos. As multidões que aclamaram Tutmés emudeceram agora. Tudo isto parece a maneira hábil de esconder um fracasso.

### 3.3 Relações de filiação e de semelhança

O *Poema* está recheado de referências divinas mas nem todas com o mesmo peso. O Quadro IV mostra que Amon aparece em 35,28% do conjunto das citações, Montu em 23,52%, Ré e Set em 11,76% e Baal em 8,82%. Os deuses Atum, Sekhmet e Uraeus apenas são referidos uma vez (2,94%).

O claro predomínio de Amon reflecte a conjuntura político-religiosa da época. Se, por exemplo, se diz que o rei é «semelhante a» Montu nunca o mesmo é referido rela-

<sup>17</sup> Mt 27,46

<sup>18</sup> Job 19,16

tivamente a Amon. Numerosos epítetos lhe são aplicados, de forma a traduzir a ligação deus-faraó:

Pai ... (N2, 1 ; N2, 51 ; N6, 21 )  
 Protector... (N2, 43 ; N2,51 ; N4, 5)  
 Conselheiro... (N2, 44)  
 Dador da vitória...(N2, 53 ; N4, 38)

Nada de estranho ou de novo, desde há muito que Amon era o pai do faraó, o deus que engravidava a Rainha sob os traços do seu esposo (teogamia).

A oração que faz ao deus Amon está perfeitamente contida no conceito de deus pessoal característico do Império Novo. A *Instrução de Ani*<sup>19</sup> é um exemplo deste tipo de devoção:

*Ora-(lhe) secretamente, o coração pleno de amor  
 E com todas as palavras escondidas  
 Ele há-de prover às tuas necessidades  
 Ele há-de ouvir as tuas palavras  
 Ele aceitará as tuas ofertas.*

Ramsés actuou de acordo com tudo isto, fez oferendas ao deus, ama-o como a um pai, obedece-lhe como um filho. As suas palavras, contudo, não são humildes nem a oração é feita no silêncio, muito pelo contrário, são gritadas a plenos pulmões porque Amon está em Tebas, no seu templo.

Apenas em dois casos há referências a outro pai:

Montu... (R1, 17).  
 Ré... (N7, 63)

O primeiro é um antigo deus-falcão de Tebas, o segundo faz parte da titulação real, *sa-Ré*, filho de Ré. Os deuses de Per-Ramsés (quais?) igualmente se referem ao rei como seu filho, quando o vêm receber, no regresso da batalha. No decorrer do combate, o faraó assume o papel, torna-se «semelhante» a outros deuses na «hora do seu poder». É o caso de Ré, o Sol no auge do esplendor, Set, o deus-guerreiro protector dos Ramésidas, Montu, Sekhmet, a deusa-leoa e Atum, o Sol poente. O deus sírio Baal também é nomeado, na sua faceta batalhadora<sup>20</sup>.

O texto caracteriza ainda Ramsés em termos físicos e psicológicos com uma série de qualificativos que remetem a paralelos animais ou simbólicos. Os primeiros estão ligados à agressividade: o faraó persegue os seus inimigos como um *grifo*, rasga as suas fileiras como um *falcão*, investe com a determinação de um *ouro*, destroça-os como um *leão*. São comparativos tradicionalmente citados na imagética real. Dos paralelos simbólicos, apenas o *fogo* tem um carácter destruidor. A *montanha de cobre* e a *muralha de ferro* transmitem uma ideia de estabilidade, protecção e abrigo (do exército).

<sup>19</sup> LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. II, pp. 86-88.

<sup>20</sup> Cf. OLIVEIRA, "Baal na descrição poética da batalha de Kadesh", in *Percursos do Oriente Antigo. Estudos de homenagem ao Professor Doutor José Nunes Carreira na sua jubilação académica*, pp. 393-400.

QUADRO IV  
**Referências divinas no Poema da Batalha de Kadesh**

Referências divinas	Localização no texto	Número de citações (%) Predominância (R)
Amon	N2, 1/8/30/43/44/48 R4, 5/27/35/38 N6, 5/21	12 (35.28) - N=8; R=4
Montu	P, 12 R1, 17/49 N2, 55 R3, 1 N6, 4 N7, 30/80	8 (23.52) - N=4; R=4
Set, Sutekh	P, 33 N2, 57 R3, 6 N7, 51	4 (11.76) - N=2; R=2
Ré	N7, 45 N7, 63 R8, 12	4 (11.76) - N=2; R=2
Baal	R3, 6 N6, 1 N7, 51	3 (8,82) - N=2; R=1
Atum	P, 13	1... (2.94)
Sekhmet	N7, 39	1
Uraeus	N7, 34	1
		$\Sigma=34$ - N=21; R=13

---

**4. *H*istoriografia Hitita.**  
**Referências à batalha de Kadesh**

---

Não chegou até aos nossos dias uma versão hitita da batalha de Kadesh, só alguns excertos lhe fazem, indirectamente, referência. A sua causa próxima da é mencionada no prólogo de um tratado entre Tudhalya IV e Benteshina, rei vassalo de Amurru<sup>21</sup>:

<sup>21</sup>CARREIRA, *Historiografia Hitita*, p. 17.

Quando, porém Muwattali, o irmão do pai do meu Sol se tornou rei, a gente de Amurru quebrou-lhe a fidelidade e mandou-lhe dizer isto: 'de peças livres fomos vassalos. Mas agora não somos mais teus vassalos!' E passaram a seguir o rei do Egípto. Aí combateram o irmão do pai do meu Sol, Muwattali, e o rei do Egípto um contra o outro pela gente de Amurru.

## 2.º Excerto

No tempo em que o rei Muwattali fez guerra ao rei do Egípto, o rei do Egípto retirou para o país de Aba. Mas então o rei Muwattali conquistou o país de Aba, marchou a seguir para a terra de Hatti e eu fiquei no país de Aba.

(Carta do governador da antiga província egípcia de Aba - norte de Damasco<sup>22</sup>)

## 3.º Excerto

Quando, porém, sucedeu que meu irmão avançou para o país do Egípto, lá conduzi as tropas (apeadas) e os combatentes de carro destes países que repovoara por aí abaixo até meu irmão. E, quantas tropas (apeadas) e combatentes de carro do país de Hatti estavam perante meu irmão na minha mão, a todas comandava eu ... Quando regresssei do país do Egípto, fui à cidade de Lawazantya para sacrificar à divindade e realizei (o culto da) divindade. ...E a nossa casa fazia bons progressos, era a graça de Ishtar, minha Senhora.

(Apologia de Hattusili III<sup>23</sup>)

É muito pouco e muito sóbrio, contrastando com a exuberância dos textos egípcios e a magnificência das representações artísticas que os ilustravam. Hattusili III que certamente terá tido conhecimento de tudo isto, limitou-se a uma observação irónica

(Na verdade) ninguém estava lá contigo?<sup>24</sup>

É uma gargalhada bem-humorada diante da imagem do faraó que, na companhia do tímido escudeiro Mena e sob a protecção de Amon, vence milhares de inimigos.

A resposta de Ramsés é, no mínimo, confusa<sup>25</sup>:

Quanto ao que me dizes sobre os meus exércitos: 'verdadeiramente não havia aí exércitos' um meu exército encontrava-se no país de Amurru, outro no país de ... e ainda um outro exército no país de Taminta, em verdade.

Que poderemos extrair destes excertos? Que houve uma batalha entre Egípcios e Hititas e que se lutou pela posse de Amurru? Nada de novo. Que Ramsés, contrariamente ao que se diz no *Poema* e no *Texto do Boletim*, não estava sozinho? Existem baixos-relevos representando a chegada das tropas auxiliares que o salvaram de uma situação potencialmente fatal<sup>26</sup>. Que a tão propalada vitória egípcia não bastou para tomar Kadesh e se transformou, a médio prazo, na perda total do Amurru? Os factos mostraram que assim foi. Então, como interpretar o laconismo de Hattusili III que se

<sup>22</sup> CARREIRA, *Historiografia Hitita*, p. 18.

<sup>23</sup> *Ibid.*, pp. 138-139

<sup>24</sup> BITTEL, *Hattusha. The Capital of the Hittites*, p. 124 *apud* LIVERANI, "Hattusili alle presse con la propaganda ramesside" *Orientalia*, 59 (1990), p. 213.

<sup>25</sup> BITTEL (1970), *op. cit.* *apud* CARREIRA, *Historiografia Hitita*, p. 17.

<sup>26</sup> DESROCHES-NOBLECOURT, *Ramsès II*, p. 171.

limita dizer que tinha o comando de toda a carriagem mas passa em claro o resultado da batalha? Isto parece-nos demonstrar que ela não foi conclusiva para nenhuma das partes. Se assim foi, este desfecho podia ser omitido num texto hitita mas teria de aparecer num texto egípcio como vitória.

Em todos os excertos hititas, à excepção do terceiro, não se fala dos deuses mas isto não significa que eles estivessem ausentes dos campos de batalha, basta referir o Fragmento 28 das *Gestas de Suppiluliuma I*<sup>27</sup>:

*Os deuses de meu pai caminharam à frente dos oficiais (hititas): estes venceram a todos e o inimigo (os Kaska) foi exterminado em massa; nem um pôde resistir ao campo fortificado de meu pai.*

A vitória resulta da valentia dos homens, embora assistidos pelos deuses que vão à frente dos exércitos como o estandarte da Cruz diante dos cavaleiros, na Terra Santa. Não combatem, não estão ao lado do rei e este não é comparável a nenhum deles, não se diz nunca que é semelhante ao Deus das Tempestades, na sua hora. Claro que lhes vai agradecer a vitória e fazer oferendas nos seus templos mas existe uma separação entre o humano e o divino que permite uma historiografia mais rigorosa. Há mesmo reis que são castigados pelos deuses<sup>28</sup> e reis pouco simpáticos, como Uri-Teshub, sobrinho de Hattusili III. É com este último que vamos encontrar a excepção a esta regra, desde criança foi protegido por Ishtar que o segurou pela mão durante toda a sua vida e acabou por lhe dar o trono de Hatti. Forma hábil de disfarçar uma usurpação...

---

## 5. O fim do conflito egípcio-hitita

---

Kadesh, terminando embora numa espécie de armistício, veio alterar a situação que anteriormente se vivera na Siro-Palestina. Ramsés regressou ao Egipto mas em breve Muwattali retomava o domínio sobre Amurru, destituía Benteshina e invadia Oupé (Upi). O faraó retornou à Síria numa série de campanhas que se estenderam de 1276 a 1270 e impôs a sua autoridade sobre Canaã, e algumas cidades do vale do Orontes. Mas foi um domínio precário. As alianças faziam-se e desfaziam-se ao sabor dos interesses dos reizes locais. Entre os anos 6 e 18 do seu reinado, Ramsés viu-se forçado a regressar à Ásia onde, de acordo com os relevos do primeiro pilone do Ramesseum e do templo de Luxor, conquistou várias cidades.

O ano 8 (1288 a.C.) foi particularmente importante para o Império Hitita onde, depois da morte de Muwattali, seu filho Urhi-Teshub subira ao trono. Revelou-se um monarca incapaz e a sua falta de tacto contribuiu para o agravamento das relações com a Assíria que havia conquistado a região de Hanigalbat. As relações entre o monarca e seu tio Hattusili tornaram-se de tal modo tensas que, ao fim de sete anos, este acabou por sublevar-se e, em 1289, ascendeu ao trono de Hatti. Era uma violação do *Edito de Telepinu* (finais do século XVI a.C.) que impunha a sucessão do filho mais velho e, como tal, não foi bem aceite por todos. Ramsés apostou forte neste conflito, apoiando o rei legítimo. Tomou Ascalon e Dapur, importante cidade do Amurru, fixando a fronteira na região de Damasco.

<sup>27</sup> CARREIRA, *Historiografia Hitita*, p. 125.

<sup>28</sup> Ver adiante, p. 31.

As peripécias da subida ao poder do novo rei hitita são apresentadas na *Apologia de Hattusili III*<sup>29</sup> onde ele atribui, como vimos, a sua boa sorte à protecção da deusa Ishtar, de que era sacerdote. Foi a deusa quem o fez triunfar dos adversários. Depois de firmar o seu poder, Hattusili III viu-se perante a crescente ameaça assíria e, para tal, lançou uma ofensiva diplomática em duas frentes: negociou uma aliança com Kadashman-turgu, rei da Babilónia, e iniciou conversações de paz com o Egipto. Adad-Nirari, rei da Assíria que invadira o Mitanni e chegara até ao Eufrates..Hattusili III em coligação com a Babilónia conseguiu rechazar o inimigo. Foi uma vitória temporária, o Mitanni será, definitivamente perdido para os Assírios de Salmanassar I (1275-1245) e a fronteira fixada no mesmo rio.

Também, entre os anos 15 e 18 do seu reinado, Ramsés II enfrentou uma revolta na região de Irem, na Núbia. O templo de Abidos apresenta algumas cenas desta campanha que se revelou triunfante<sup>30</sup>.

Face aos problemas externos e internos que referimos, o Hatti procurou entender-se com o Egipto que, também ele, desejava salvar a face e pôr fim a este sorvedouro de homens e recursos. Segundo as inscrições egípcias<sup>31</sup>:

*Os embaixadores hititas vieram junto de Ramsés suplicar-lhe que fizesse a paz, a ele o touro dos reis, que alarga as fronteiras do seu país como lhe agrada.*

### 5.1 O tratado egípcio-hitita

O tratado de paz entre os reis do Egipto e de Hatti<sup>32</sup> chegou até nós sob a forma de cópias. O texto, cujo original se terá perdido, estava redigido em acádico<sup>33</sup>, a língua internacional da época, no Próximo Oriente. O exemplar hitita (VH) foi traduzido e gravado nos templos de Karnak, Elefantina (no cais), Amarah ocidental, Abu Simbel e Aksha e a versão egípcia (VE), igualmente traduzida, foi posteriormente copiada em placas de argila, encontradas em 1906 por Hugo Winkler durante as escavações de Bogaz-Khöy, na Turquia actual. Tem a data do “vigésimo primeiro ano do reinado (de Ramsés II), primeiro mês da estação de *Peret*, vigésimo primeiro dia...<sup>34</sup>. Os textos encontram-se deteriorados e com algumas partes em falta mas, de acordo, com aquilo que foi possível reconstituir, não diferem muito entre si. Está fora dos propósitos deste trabalho fazer a análise exaustiva destes documentos, razão por que nos limitaremos a algumas breves comentários.

A versão egípcia, mais completa, refere o combate entre Ramsés e Muwattali mas sem qualquer detalhe. Ficamos igualmente a saber da existência de um tratado assinado entre os dois reis, algum armistício depois de Kadesh? De qualquer modo, não mais há-de haver guerra entre os dois países.

Aborda-se o problema da sucessão ao trono hitita já que, chegado ao trono pela forma irregular a que já nos referimos, Hattusili III tenciona garanti-lo para o próprio

<sup>29</sup> CARREIRA, *Historiografia Hitita*, pp. 133-143.

<sup>30</sup> LALOUETTE, *L'Empire des Ramsés*, pp. 124-127.

<sup>31</sup> GRIMBERG, “Da Aurora da Civilização ao Crescente Fértil” in *História Universal*, vol. I, p. 76.

<sup>32</sup> Ver em Anexo a tradução das versões hitita e egípcia deste tratado.

<sup>33</sup> FERNANDEZ, *Los Hititas*, p. 29.

<sup>34</sup> LALOUETTE, *L'Empire des Ramsés*, p. 128. Chamava-se *Peret*, ao intervalo de tempo em que, depois da retirada das águas do Nilo, se procedia à preparação da terra para as sementeiras. Era a segunda estação do ano egípcio e durava de Novembro a Fevereiro.

filho, reatando, em seu proveito, a doutrina do Edito de Telepinu. O faraó tem a seu cargo velar para que assim seja, mesmo pela força das armas. As duas versões garantem uma aliança militar contra os inimigos de cada um dos reinos, e legislam acerca da extradição de dissidentes políticos.

Sendo o tratado uma obra dos deuses do Sol e da Tempestade (VH), ele terá de ser naturalmente testemunhado pelos poderes divinos. Só a VE conservou esta última parte do texto, aí são referidos vários deuses de egípcios e hititas e ainda “mil formas divinas da terra do Egito e da terra de Hatti” que se encarregarão de proteger o pacto e não-de castigar severamente qualquer violação do mesmo.

Como nota final refira-se que, no que concerne à questão das fronteiras entre os dois países, o silêncio é total.

Nos arquivos hititas em Boghazköy, foram ainda encontradas algumas cartas trocadas entre as rainhas Puduhepa e Nefertari. Escreve esta última<sup>35</sup>:

*Possam o deus do Sol e o do vento conservar-vos a cabeça erguida e possa o deus-sol preservar a doçura desta paz e fazer durar eternamente a fraternidade entre os nossos dois grandes reis. Eu também fiz um pacto de amizade com a minha irmã, agora e para sempre [...]*

Fala-se mesmo de casamento entre o faraó e uma filha de Hattusili III e Puduhepa. Ramsés II escreve à rainha hitita<sup>36</sup>:

*Vi a carta que a minha irmã me mandou. Ouvi todas as questões que a Rainha Grande de Hatti, minha irmã me escreveu de modo muito, muito belo. Assim fala a minha irmã: «Eis que o Rei Grande, rei de Hatti, meu irmão, escreveu-me assim: envia gente que derrame óleo fino na cabeça da minha filha e que a levem à casa do Rei Grande, rei do Egito!» Assim me escreveu o meu irmão. Eis que muito, muito boa é esta resolução, sobre a qual me escreveu o meu irmão: o deus do Sol está na sua origem e o deus da Tempestade está na sua origem; os deuses do Egito e os deuses do Hatti estão na origem de ter sido tomada esta decisão, para fazer destes dois grandes países eternamente um único país.*

Parece ter mesmo havido o projecto de um encontro entre os dois reis a pretexto do casamento. Ao convite para tal reunião, Hattusili reage prudentemente<sup>37</sup>.

*Queira o meu irmão escrever-me, que temos nós propriamente a fazer aí, no Egito!*

Recordação da história do príncipe Zananza? Ramsés procura acalmar estas desconfianças<sup>38</sup>:

*Que diz o meu irmão! [...]. O deus do Sol e o deus da Tempestade farão com que o meu irmão veja a seu irmão e o meu irmão queira realizar o bom propósito de vir ver-me, e que um contemple a face do outro no lugar em que o rei se encontra no seu trono. Quero ir até à terra de Kinahhi (Canaã) para ver o meu irmão, para contemplar a face de meu irmão e o receber no meio do meu país.*

<sup>35</sup> GRIMBERG, *op. cit.*, p. 77.

<sup>36</sup> CARREIRA, *Historiografia Hitita*, p. 18.

<sup>37</sup> IDEM, *Ibidem*, p. 18.

<sup>38</sup> IDEM, *Ibidem*, p. 19.

Embora a propaganda egípcia em Abu Simbel mostre o rei hitita a deslocar-se ao Egito para acompanhar a sua filha, não há provas de que tal viagem se haja realizado. A este casamento, realizado no ano 34 de Ramsés seguiu-se um outro, igualmente com uma filha de Hattusili e que está documentado em duas estelas, respectivamente encontradas no templo de Koptos e no templo de Seti I, em Abidos.<sup>39</sup>

E a paz manteve-se...

---

## 6. Conclusões

---

Descrevemos ao longo deste trabalho, um facto histórico, o conflito entre Egípcios e Hititas pelo domínio da Síria e o seu culminar numa batalha perto das muralhas de Kadesh. O evento chegou até aos nossos dias através de um conjunto de representações, textos gravados na pedra ou escritos em papiro, obra de escribas e artistas egípcios, e de um pequeno acervo de testemunhos hititas que a ele se referem mais ou menos directamente.

De acordo com o que foi dito na Introdução, o relato de um facto histórico implica a definição e desenvolvimento do trinómio causa(s) – evento – consequência(s) e cabe à Historiografia interpretá-lo.

Nem o texto do Boletim nem o Poema nos informam das causas do conflito, há que ir buscá-las a um documento hitita, o prólogo de um tratado entre Tudhalya IV ao rei vassalo de Amurru<sup>40</sup>. Quanto ao evento, a descrição da batalha, ainda não foram encontrados outros textos para além das fontes egípcias que citámos. As consequências a curto e médio da batalha de Kadesh mostraram que estas fontes não são confiáveis. A tonitruante declaração de vitória que figura nos templos de Ramsés II é claramente desmentida quer pelo facto de não haver podido conquistar a cidade quer pelas posteriores campanhas que teve de realizar na Síria, atestadas por um conjunto de estelas que mandou erguer e que mostram, descontando a fraseologia grandiloquente a que já nos habituámos, a sua impossibilidade em retomar a soberania que os seus antepassados, nomeadamente Tutmés III, haviam exercido; perdeu um aliado, o rei Benteshina caiu prisioneiro dos Hititas, que rapidamente se assenhorearam do Amurru.

As consequências a longo prazo são bem mais conhecidas, possuímos as duas versões, egípcia e hitita, do tratado que pôs fim às hostilidades, bem como alguma correspondência trocada entre as duas casas reais e textos que descrevem os dois casamentos de Ramsés com duas filhas do rei Hattusilli III.<sup>41</sup>

O *Texto do Boletim*, mau grado a hipervalorização do heroísmo do rei, é muito sóbrio e essencialmente escrito na terceira pessoa do singular, talvez por uma testemunha presencial. O mesmo não acontece no poema, em que 67,07% do texto é constituído por palavras do próprio Ramsés. O escriba começa logo por anunciar que vai descrever “um triunfo do rei Usimaré Setepenré”, expressão que não aparece no *Boletim*. Há discordância nas datas: Ano 5, segundo mês de *Shemu*<sup>42</sup>, dia 9 (*Boletim*) e ano

<sup>39</sup> LALOUETTE, *L'Empire des Ramsès*, p. 138.

<sup>40</sup> CARREIRA, *Historiografia Hitita*, p. 17.

<sup>41</sup> Cf. LALOUETTE, *L'empire des Ramsès*, pp. 132-136 e 138-139.

<sup>42</sup> A última das estações do ano egípcio, época das ceifas. Durava de Março até cerca de 18 de Julho, data em que reaparecia a estrela Sótis, anunciando a próxima inundação do Nilo, cf. Saura, M., “La observación de los astros por los antiguos egípcios”, *Historia – National Geographic*, 3, p. 16.

5, *terceiro mês de Shemu, dia 9 (Poema)*. Um episódio menos abonatório para Ramsés, a sua ingenuidade em confiar nas informações dos dois trãsufugas *Shasu*, foi eliminado no referido texto.

Estamos diante de uma historiografia condicionada e condicionante, porquanto refém de um conceito específico da pessoa do rei, e tendo o claro propósito de a exaltar. Ao heroísmo de Ramsés, contrapõe-se a “cobardia” de Muwattali que, como Bonaparte em Austerlitz, não combate directamente mas está junto do seu Estado-Maior, observando o cenário da batalha e dando as ordens que julga mais adequadas nas diferentes fases da luta. Esta confusão é voluntária e põe em relevo a coragem do faraó que ataca isoladamente e consegue a vitória à custa do próprio esforço. Sabemos que não está sozinho, tem o seu deus-pessoal a quem solicita ajuda e que, rapidamente vem ter com ele e lhe multiplica as forças.

O rei transcende portanto a humanidade, torna-se a encarnação viva de deuses batalhadores que espalham o terror entre os inimigos. A valentia pessoal do rei que, admitimos, se viu na contingência de vender caro a própria vida, traduz-se em termos teológicos. Isto nada tem de novo, é a perpetuação de um conceito que já aparece na Paleta de Narmer. Certo é que este combate apeado e com uma maça de pedra e o seu longínquo sucessor está sobre um carro de combate de onde atinge os adversários com as flechas do seu poderoso arco e os esmaga sob as rodas e as patas dos cavalos, mas trata-se apenas de um progresso na tecnologia militar.

Sabemos hoje que a autoproclamada vitória de Ramsés é, pelo menos, muito duvidosa mas não temos dados que nos permitam afirmar que os Hititas o hajam derrotado, parece que nenhum dos exércitos achou por bem prolongar um combate que seria ruinoso para ambas as partes.

Por maiores que sejam a descrição factual do *Boletim* ou a beleza do *Poema*, mostrá-mos que eles estão na sequência de outros textos do Império Novo, como o revolta de Khamés ou a batalha de Megiddo (Tutmés III), podendo mesmo neste último encontrar-se uma censura ao comportamento dos soldados egípcios embora muito menos violenta que a do *Poema*.

Vimos que enquanto o texto de Tutmés é pródigo em referências ao regresso triunfal das tropas e do seu real comandante, o *Poema* é estranhamente mudo a esse respeito, o que suporta a tese de um desfecho não vitorioso.

A historiografia egípcia não é linear nem imediatamente apreensível ao leitor moderno, exige o conhecimento prévio de um código e a consulta de outras fontes, sempre que tal for possível.

As frases *Ramsés venceu em Kadesh* e *Ramsés não venceu em Kadesh* são equivalentes, independentemente da realidade, e só a primeira seria gravada na pedra. As negociações do tratado egípcio-hitita e o casamento de Ramsés com duas filhas de Hattusili III fornecem outros exemplos: a sua proposta de paz é apresentada como um *acto de submissão*, os presentes nupciais como *tributos*, diz-se que o Hatti jaz *sob os pés do faraó*. É uma escrita para consumo interno porquanto, na correspondência que mantém com o sogro, o rei o trata por *irmão*, isto é, seu igual.

Simplex propaganda?

Talvez tudo isto fosse assim porque, de acordo coma feliz expressão de Hornung<sup>43</sup>,

<sup>43</sup>HORNUNG, *Geist der Pharaonenzeit, Zürich/München*, pp. 138-153 apud CARREIRA, *História antes de Heródoto*, p. 122.

“...os Egípcios consideravam a História como um culto celebrado pelo faraó na sua qualidade de plenipotenciário dos deuses e garante da ordem recta”. Também a escrita hieroglífica era uma coisa sagrada, uma dádiva do deus Tot. A inscrição encerrava uma realidade teológica, a verdade dos deuses, o que era obrigatório que acontecesse, mesmo que não tivesse acontecido.

O rei era o repetidor do acto divino da Criação. Diz-se de Ramsés II<sup>44</sup>:

*Aquele que criou novamente o mundo como no momento da Criação...*

(Inscrição de Tanis)

E de Tutankhamon<sup>45</sup>:

*Ele afugentou a desordem para que a ordem (ma'at) seja restabelecida. Destrói a mentira e o mundo é como que criado por ordem sua.*

(Estela da restauração)

Este poder simbólico e até carismático faz com que as cheias do Nilo aconteçam no momento exacto, como se vê no Hino da Coroação de Ramsés IV<sup>46</sup>:

*Ó dia feliz! O céu e a terra estão contentes  
Porque tu és o grande senhor do Egipto!*

... ..

*Um Nilo abundante sai das suas fontes  
Para refrescar o coração dos homens*

Ramsés II tem o poder de invocar Set. e modificar o clima para que a filha de Hattusili III, sua noiva, possa viajar em segurança<sup>47</sup>.

A historiografia hitita é, como vimos, diferente. O rei vence pelo valor da sua espada. Pode mesmo ser castigado pelos poderes divinos devido a um pecado grave como a violação de um tratado<sup>48</sup>. Só com Hattusili III encontramos um caso especial de intervenção divina (de Ishtar) mas apercebemo-nos que isto não passa de justificação teológica para uma subida ao trono claramente irregular, que violava o Editto de Telepinu.

Tendo em conta o que dissemos até este ponto, não nos parece correcto considerar Kadesh uma batalha completamente inútil nem duvidar do heroísmo pessoal de Ramsés II.

O homem cuja múmia, turistas de vários níveis e procedências, contemplam hoje no Museu do Cairo, foi um rei que governou muitos anos e se empenhou na defesa do país que os seus antepassados lhe haviam transmitido como herança. Dele dependeu a sobrevivência da velha civilização do Vale do Nilo. Cercado de inimigos, combateu-os corajosamente mas a realidade dos factos levou-o a negociar uma paz que cele-

<sup>44</sup> HORNUNG, “O Rei” *apud* DONADONI (dir.), *O Homem Egípcio*, p. 256.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 256.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 251.

<sup>47</sup> LALOUETTE, *L'Empire des Ramsès*, p. 136.

<sup>48</sup> Nas *Orações da Peste*, Mursili II atribui a epidemia de peste que grassava no Hatti, à violação feita por seu pai, Suppililiuma, de um tratado de paz com o Egipto. O deus da Tempestade castigara este pecado, fazendo com que os soldados prisioneiros espalhassem a doença. Ver CARREIRA, *Historiografia Hitita*, pp. 38-39.

brou com dignidade e honra. Cioso das reais prerrogativas, espalhou a sua imagem pelos templos e aí mandou inscrever a história dos seus trabalhos e dos seus dias, no estilo adequado à posição que tinha e ao povo que governava.

O *Poema de Kadesh* celebra a glória do rei e de Amon, seu pai divino. Se a epopeia toca, por vezes, os limites do absurdo, não é menos verdade que a solidão deste homem que, abandonado pelos seus no aceso do combate, se dirige ao seu deus, suplicando auxílio, gera no leitor um sentimento de comoção.

Passados tantos séculos, descobrem-se no relato bastas camuflagens. Mas são assim as gestas dos heróis. Tal como Camões passou adiante as misérias do rei D. Sebastião, a ignorância de tantos navegadores e a crueldade de muitos cavaleiros, também Pentaweret sacrificou a história no altar da epopeia.

Os seres de exceção, mesmo se indevidamente promovidos, são as bases fundadoras de uma nação que, mesmo jovem, precisa de os fabricar bem depressa. É por Afonso Henriques, pelo Infante e por Camões que *ainda* somos Portugal. A destruição da memória dos seus grandes foi sempre a melhor maneira de assassinar um povo.

---

## 7. *Bibliografia*

---

### Fontes

- BUDGE, E. A. W., *An Egyptian Reading Book for Beginners*, New York, AMS Press, 1976.  
CARREIRA, J. Nunes, *Historiografia Hitita*, Lisboa, Edições Colibri, 1999.  
CARREIRA, J. Nunes, *Literatura do Egipto Antigo*, Mem Martins, Europa-América, 2005.  
DESROCHES NOBLECOURT, C., *Ramsés II, la véritable histoire*, Paris, Pygmalion/Gérard Wa-telet, 1996.  
HALLO, W., (ed.), *The Context of Scriptures. Monumental Inscriptions from the Biblical World*, vol II., Leiden/Boston/Köln, Brill, 2000.  
PRITCHARD J. B., (ed.), *Ancient Near Eastern Texts Relating to The Old Testament*, 3<sup>rd</sup> ed., Prince-  
ton, 1963.

### Dicionários e Enciclopédias

- ARAÚJO, L. M., (dir.), *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa, Caminho, 2001.

### Geografia e História Geral do Antigo Egipto

- BRAUDEL, F., *Les Mémoires de la Méditerranée*, Paris, Ed. De Fallois, 1998.  
GRIMAL, N., *Histoire de l'Égypte ancienne*, Paris, Fayard, 1988.  
MANLEY, B., *Atlas historique de l'Égypte ancienne*, Avon, Éditions Autre-ment/The Bath Press,  
1998.  
SHAW, I., (ed.), *The Oxford History of Ancient Egypt*, Oxford University Press, 2003.  
TRIGGER, B. G., B. J. Kemp, B. J., O'Connor, D. A., Lloyd, D., *Historia del Egipto Antiguo*,  
Barcelona, Crítica, 1997.

### História dos Raméssidas

- BLADE, R., C. Sevilla, C., "Ramsés II", *Historia y Vida*, Año XXXIV, n°420. 2004, pp. 33-59.  
DESROCHES NOBLECOURT, C., *Ramsès II, la véritable histoire*, Paris, Pygmalion/Gérard Wa-telet, 1996.

- LALOUETTE, C., "L'empire des Ramsès", *Histoire de la Civilisation Pharaonique*, vol. III, Paris, Flammarion, 1994.
- MONTET, P., *A Vida Quotidiana no Egípto no tempo dos Ramsés*, Ed. Livros do Brasil, s/d.

### Geografia e História Geral do Império Hitita

- CARREIRA, J. Nunes, *Historiografia Hitita*, Lisboa, Edições Colibri, 1999.
- CULICAN, W., *O Comércio Marítimo*, Lisboa, Ed. Verbo, 1966, p. 49.
- FERNANDEZ, P. S., *Los Hititas*, Madrid, Ediciones Akal, 1988.
- GURNEY, O. R., *The Hitites*, London, The Folio Society, 1990.
- LIVERANI, M., "Hattushili alle prese con la propaganda rameside", *Orientalia, Nova Series*, 59 (1990), pp. 207-217.
- MASSON, E., "Le mystère hittite", *Les Collections de l'Histoire*, n. 22, Janvier-Mars 2004, pp. 44-49.
- ZOULO, J. C., *Los primeros Estados Indoeuropeos*, Madrid, Cultura y Publicaciones, 1994.

### Batalha de Kadesh

- ARAÚJO, L. M. de, "Egípcios e Hititas em Kadesh", *História*, n. 38, Dezembro de 1981, pp. 34-51.
- FAULKNER, R. O., "The Battle of Kadesh", *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts, Abteilung Kairo*, 16 (1958).
- GOEDICKE, H., "Considerations on the battle of Kadesh", *Journal of Egypt Archeology*, 52 (1996), pp. 71-90.
- GRANDET, P., "La grande bataille de Qadesh", *Les Collections de l'Histoire*, n. 22, Janvier-Mars 2004, pp. 50-54.
- QUESADA, F., "La batalla de Kadesh", *La Aventura de la Historia*, Año 5, n. 50, Diciembre 2002, pp. 81-86.

### Bibliografia complementar

- ARAÚJO, L. M. de, *O clero de Amon no antigo Egípto*, Lisboa, Cosmos, 1999.
- DAVID, R., *Religion and Magic in Ancient Egypt*, London, Penguin Books, 2002.
- DONADONI, S., (dir.), *O Homem Egípcio*, Lisboa, Editorial Presença, 1994.
- ERMAN, A. et H. Ranke, H., *La civilisation égyptienne*, Paris, Payot, 1986.
- LEVÊQUE, P., *As Primeiras civilizações*, vol. I - *Os Impérios do Bronze*, Edições 70, Lisboa, 1998.
- SALES, J. S. das Candeias, *As Divindades Egípcias. Uma Chave para a Compreensão do Egípto Antigo*. Lisboa, Estampa, 1999.
- SALES, J. S. das Candeias, *A Ideologia Real Acádica e Egípcia. Representações do Poder Político Pré-Clássico*. Lisboa, Estampa, 1997.

---

## 8. *A*nexos

---

### 8.1 Textos

#### 8.1.1 *O conflito entre o Egípto e o Hatti, antes do reinado de Ramsés II*

Em 1580<sup>49</sup>, com a expulsão dos Hicsos estabelecidos no Delta, inicia-se no Egípto um período que se designa por Império Novo. O faraó assume, mais do que nunca, o papel de chefe militar e lança-se para lá das fronteiras, rumo ao Eufrates. Não se trata de edificar um Império na forma que tomará com Alexandre ou os Césares mas de criar uma rede de estados vassallos, primeiramente derrotados *manu militare*, depois pilhados e, finalmente, transformados em tributários da Coroa Dupla. Estados-tampão, onde alguns funcionários recolhiam impostos, estados que poderiam amortecer quaisquer futuras invasões. Se é certo que importantes guarnições militares estão estacionadas na Núbia, só pequenos destacamentos se encontram no território siro-palestino. Os príncipes locais são muitas vezes educados na corte faraónica e devolvidos às suas terras depois de imbuídos da cultura egípcia, o que não os impedirá de muitas vezes se revoltarem.

A penetração militar a oriente começa com Amen-hotep I<sup>50</sup> que chega à Palestina Meridional e toma Sharuben. Ter-se-á mesmo aventurado até ao Eufrates onde a hegemonia egípcia é estabelecida por Tutmés III que entra em luta com o Mitanni. Ao fim de várias campanhas, submete o príncipe de Kadesh e conquista Megiddo. Faz uma demonstração militar na margem oriental do Eufrates e ali manda erigir uma estela comemorativa. No tempo de seu filho e sucessor Amen-hotep II, o novo poder hitita começa a fazer-se sentir na região da Cilícia e o Mitanni esboça uma aproximação ao Egípto. Amen-hotep III envia mesmo um contingente de tropas em seu socorro mas não consegue evitar o avanço do rei de Hatti. Com o reinado do faraó «herético», Akhenaton e os problemas político-religiosos decorrentes da introdução do culto oficial do Disco Solar, Aton, as fronteiras parecem haver sido negligenciada. Certo é que o rei hitita Suppiluliuma I conquistou a capital do Mitanni e o Egípto perdeu a sua influência sobre a região de Amurru. Aconteceu então um episódio curioso que poderia ter tido consequências imprevisíveis. Após ter conquistado o vale de Beqqa, na zona de influência do faraó, o rei hitita recebeu uma mensagem de Ankhesenamon, a jovem viúva de Tutankhamon, concebida nestes termos:

*Meu marido morreu e não tenho filhos, enquanto se diz que tens muitos filhos. Se me deres um filho teu, podia tornar-se meu marido; tenho medo do te-ik-ri*<sup>51</sup>

(As Gestas de Suppiluliuma)

Este facto insólito deixou o rei tão surpreendido, que enviou ao Egípto um camareiro para recolher informações. Quando este regressou, acompanhado por um emissário da corte e nova mensagem da rainha, Suppiluliuma I acabou por aceder e, no âmbito de um tratado, dito de Kurustama, envia a Ankhesenamon o príncipe Zanzana.

<sup>49</sup> As datas referidas ao longo deste trabalho são, obviamente, a.C.

<sup>50</sup> CARREIRA, *Historiografia*, LEVÊQUE, “As Primeiras Civilizações”, *Os Impérios do Bronze*, vol. I, ARAÚJO, Egípcios e Hititas em Kadesh, *História*, n. 38, Dezembro de 1981, pp. 34-51.

<sup>51</sup> Tratar-se-á de Ai, o *pai divino* de Akhenaton, com quem a rainha acabará por casar?

Todavia, a situação mudara no Egípcio e o noivo hitita é prontamente assassinado mal transpõe as fronteiras. O rei ficou indignado.

*[Quando] trouxeram esta tabuinha, disseram assim: «Os Egípcios mataram [Zananza]!» e reportaram o facto: «Zananza [morreu]!» E quando meu pai ouviu (a notícia) do assassinato de Zananza, começou a erguer a lamentação sobre Zananza e dizia assim aos deuses:» Eu não cometi mal algum! Os Egípcios me [...], cometeram o mal e atacaram a fronteira do meu território!» [...]*

*(As Gestas de Suppiluliuma)*

O seguimento deste caso vem mencionado nas *Orações da Peste de Mursili II*<sup>52</sup>:

*Meu pai deixou correr a sua raiva, foi para a guerra contra o Egípcio e atacou o Egípcio. Bateu os soldados de infantaria e os de carro do país do Egípcio. O deus da Tempestade hitita, meu senhor, pela sua decisão deixou meu pai prevalecer mesmo então; ele venceu e bateu os soldados de infantaria e de carro do país do Egípcio. Mas quando trouxeram para o país de Hatti os prisioneiros que tinham feito, rebentou uma praga entre os prisioneiros e estes começaram a morrer...*

#### 8.1.2 A batalha de Kadesh, poema de Pentaweret

Início do triunfo do Rei do Alto e Baixo Egípcio, Usimare Setepenré,  
Filho de Ré, (amado dos Deuses),  
Ramsés II Meri Amon, a quem foi dada vida para sempre,  
Que ele alcançou: contra a terra de Hatti,  
Naharina, e contra a terra de Arzawa;  
Contra Pidassa, (e) contra (a terra de) Dardanaya;  
Contra a terra de Masa, contra a terra de Qarqisha, e Lukka;  
Contra Carchemish, Qode, (e a) terra de Kadesh;  
Contra a terra de Ugarit, (e) Mushnatu.

Sua Majestade era, então, um jovem senhor, um herói sem igual;  
Os seus braços eram poderosos, intrépido o seu coração,  
A sua força (era) como a de Montu na sua hora;  
Fino de aparência como Atum,  
Rejubilamos ao contemplar a sua beleza.  
Poderoso em vitórias sobre todos os países estrangeiros,  
Nunca se sabe quando ele pode iniciar o combate.  
Muralha forte em torno do seu exército,  
Seu escudo no dia da batalha.  
Arqueiro inigualável  
Mais valente que um homem com a força de centenas de milhar,  
Indo sempre em frente, entrando pela multidão,  
O coração confiante na sua força,  
Implacável na hora do combate,  
Como o fogo no instante em que devora.

<sup>52</sup>CARREIRA, *Historiografia*, p. 39.

Determinado como um touro na arena,  
Não o incomodam as coligações dos inimigos  
Nem um milhar de homens se lhe pode opor,  
Cem mil perdem a esperança só de vê-lo.  
Senhor (através) do medo, grande no grito de guerra,  
No seio de todas as terras.  
Poderoso em fama, rico de esplendor,  
Como Sutekh no cume da montanha.  
(Temido) no coração dos estrangeiros,  
Como um leão feroz num vale pleno de caça.  
Saindo bravamente para a luta,  
Regressando depois de triunfar em pessoa,  
Sem se perder em vanglórias.  
Eficiente no conselho  
Bom no planeamento,  
A sua primeira resposta contém tudo o que é necessário.  
Protecção da infantaria no dia da batalha  
Grande protector dos carros de guerra.  
Reconduzindo os que o seguem (para casa, em segurança), poupando as suas  
tropas,  
O seu coração firme como uma montanha de cobre,  
  
(Assim é) o Rei do Egipto do Sul e do Norte, Usimare Setepenré,  
Filho de Ré, Ramsés II, que viva!

Ora, Sua Majestade abastecera a infantaria e os carros de combate (e os) guerreiros de Sherden que havia capturado e trazido com ele pelo triunfo do seu forte braço; eles tinham sido equipados com toda a espécie de armas e fora-lhes distribuído o plano da campanha.

Feito isto, Sua Majestade seguiu para norte na companhia dos seus guerreiros e dos seus carros. Começou a sua auspiciosa marcha no ano cinco, segundo mês de Shemu, no dia nove {em direcção à desprezível terra da Síria, na sua segunda campanha vitoriosa}.

Sua Majestade passou além da fortaleza de Sile, forte como Montu nas suas incursões. Todas as terras estrangeiras tremeram diante dele, os seus chefes ofereceram tributos; e todos os (pretensos) rebeldes se submeteram pelo medo que tinham da cólera de Sua Majestade. O exército progrediu através de estreitas passagens como se o fizesse ao longo das largas estradas do Egipto.

Algum tempo depois, vede, Sua Majestade estava na Cidade de Ramsés II, que fica no Vale das Coníferas. Sua Majestade viajou para norte.

Ora, quando Sua Majestade chegou ao cimo de Kadesh, então Sua Majestade seguiu sempre em frente, como seu pai Montu, Senhor de Tebas; e atravessou o vau do (rio) Orontes com a primeira Divisão do Exército consagrada a Amon que dá a vitória a Usimare Setepenré. (Deste modo) Sua Majestade chegou à cidade de Kadesh.

Ora o desprezível e Vencido (rei) de Hatti havia chegado; tinha reunido à sua volta todos os países estrangeiros até aos (mais longínquos) limites do mar: Viera toda a terra de Hatti, bem como a de Naharina e a de Arzawwa; Dardanaya, a dos Kaska, a

(var. as) de Masa; as de Pidassa, a de Arwana, a de Qarqisha (e) Lukku; Kizzuwatna, Carchemish, Ugarit, Qode; toda a terra de Nuhasse; Mushnatu; (e) Kadesh; não houve (nem um só) homem que ele não trouxesse de todas as terras distantes. Os seus reis estavam com ele, cada um com o seu contingente; o número dos seus carros era enorme, inigualável; cobria a colina e o vale, eram como um enxame de gafanhotos, na sua multidão, ele não deixou dinheiro (prata) na sua terra, despojou-se de todos os bens; e deu-os a (esta) gente, para que o acompanhasse ao combate.

Ora o vil e Derrotado (rei) de Hatti, acompanhado das muitas gentes que estavam consigo, ficou escondido e a postos, a Nordeste da (cidade) de Kadesh.

Ora Sua Majestade estava completamente só, (apenas) com os seguidores próximos, a divisão de Amon, marchava à sua retaguarda, a divisão de Pré atravessava o vau, a sul da cidade de Shabtuna, à distância de um *iter* do sítio onde estava Sua Majestade; a divisão de Ptah estava a sul da cidade de Arnam; (e) a divisão de Set (ainda) marchava ao longo da estrada.

Sua Majestade tinha delineado a primeira linha de batalha de acordo com os chefes do seu exército. Agora eles estavam nas escarpas de Amurru.

Ora, o vil Soberano de Hatti ficou no meio do exército que estava com ele, não se atrevia a sair para lutar com medo de Sua Majestade. Enviou então homens e carros, em grande número, como as areias, havia três homens por carro, {formavam três grupos de três, os corredores da gente ignóbil de Hatti}, estavam armados com toda (a espécie) de armas de guerra.

Vede, tinha-lhes sido ordenado que ficassem escondidos atrás da cidade de Kadesh e atacaram a divisão de Pre a meio caminho, quando esta marchava inconsciente do perigo e não preparada para lutar. Deste modo, as tropas e os carros de Sua Majestade cederam perante eles.

Ora, Sua Majestade instalara-se a norte da cidade de Kadesh, a oeste do Orontes. Então alguém veio relatar o sucedido a Sua Majestade. Então Sua Majestade apareceu (gloriosamente) como seu pai Montu, tomou as suas armas e cingiu a cota de malha, ele era como Baal na sua hora.

A parelha que conduzia Sua Majestade era (chamada) *Vitória em Tebas*, do Grande Estábulo de Usimare Setepenre (e) *Amado de Amon*, da Residência.

Então, Sua Majestade lançou-se para a frente a galope, mergulhou no meio das forças dos adversários Hittitas, entregue inteiramente a si mesmo, ninguém mais estava com ele.

Então Sua Majestade olhou em torno de si; viu que dois mil e quinhentos carros o cercavam, todos em torno de si, mesmo todos os campeões (corredores) do adversário Hitita, juntamente com os numerosos países estrangeiros que com ele estavam:

De Arzawwa, Masa e Pidassa,  
 {de Gasgas, Arwana e Qizzuwatna; de Aleppo, Ugarit, Kadesh e Lukka;}  
 Havia três homens por carro, actuando em conjunto.  
 Mas nenhum comandante era comigo, nenhum carro de combate,  
 Nenhum escudeiro.  
 O meu exército e os meus carros de combate,  
 Tinham sido varridos diante deles  
 Ninguém logrou resistir-lhes, lutar com eles.  
 Disse então Sua Majestade:

«Em verdade, que se passa meu pai Amon?  
Alguma vez ignorou um pai a seu filho?  
Terei eu feito algo fora de ti?  
Não ando e me mantenho segundo a tua palavra?  
Não desobedeci a algo que me houvesse ordenado.  
Quão grandioso é o Senhor do Egípto,  
Para deixar que estrangeiros trilhem os seus caminhos!  
Que significam para ti, Amon,  
Estes Asiáticos, desprezíveis e ignorantes de Deus!  
Não fiz para ti uma multidão de monumentos?  
Eu enchi o teu templo com o produto dos meus saques!  
Construí para ti o meu Templo da Memória,  
Deixei-te em testamento tudo aquilo que possuo.  
Doei-te todas as terras na (sua) integridade,  
Para que te garantissem oferendas sagradas.  
Por minha causa foram-te oferecidas miríades de rebanhos,  
Com todas as ervas de suave odor.  
Não me poupei a esforços  
Para que eles não faltassem nos teus estábulos.  
Para ti construí grandes pilones (de pedra)  
Eu próprio erigi os mastros para as bandeiras.  
Trouxe-te obeliscos de Elefantina,  
Fui eu quem fez de carregador.  
Para ti enviei barcos ao mar  
Transportei para ti os produtos de países estrangeiros.  
Que irá o povo pensar, se (nem que seja) uma leve desventura  
acontecer àquele que confia no teu conselho?  
Faz bem ao que põe a sua confiança em ti,  
Então o povo te servirá com prazer.  
Ó Amon, clamo por ti  
No momento em que estou entre multidões que não conheço.  
Todos os países estrangeiros se uniram contra mim,  
Inteira­mente só me deixaram, ninguém ficou comigo.  
As minhas tropas regulares abandonaram-me,  
Ninguém me procura, de entre os guerreiros dos meus carros<sup>53</sup>.  
Quando avancei, chamando por eles  
Nenhum atendeu à minha voz.  
Amon, em ti encontrei maior ajuda, que em milhões de tropas.  
Que em cem mil carros de combate,  
Que em dois mil homens, irmãos ou filhos,  
(Ainda que) unidos em uma só vontade.  
Os labores de muita gente nada contam  
Mas Amon é uma ajuda superior à deles!  
Consegui tudo, ó Amon, pelos conselhos da tua boca;

<sup>53</sup>Os guerreiros que constituíam a equipagem dos carros de combate. Egípcios e hititas usavam os cavalos como animais de tiro.

Nunca transgredi o teu conselho.  
Vê, eu apresento o meu pedido,  
No extremo das terras estrangeiras,  
A minha voz ressoa em Tebas.

No momento em que clamei por ele, senti que Amon chegara  
Deu-me a sua mão, estava comigo e eu sentia-me feliz.  
Como face a face, ele disse claramente atrás de mim.

“Avante! Estou contigo, eu sou teu pai, a minha mão está contigo!  
Valho mais, para ti, que cem mil homens,  
Sou o Senhor da Vitória, que ama a ousadia.»

Senti forte o meu coração, o espírito pleno de alegria,  
Saí-me bem de tudo o que fiz, eu era semelhante a Montu.  
Matei à minha direita e capturei à minha esquerda,  
Era, aos olhos deles, como Set em sua hora.  
Vi que os dois mil e quinhentos carros, que me cercavam  
Tombavam prostrados diante dos meus cavalos.  
Nenhum deles era capaz de lutar,  
Os seus corações desfaleceram nos corpos, com medo de mim.  
Os braços ficaram fracos, incapazes de matar,  
Não podiam acalmar os seus espíritos, para empunhar os dardos.  
Fi-los mergulhar na água como se fossem crocodilos,  
Caíram de rosto no chão, uns sobre os outros.  
Trucidei-os à minha vontade,  
Nenhum olhou para trás de si, nenhum regressou  
Todo aquele que caiu, não voltou a levantar-se.

Ora, o vil Soberano de Hatti estava de pé no meio da sua infantaria e dos seus carros, observando o ataque de Sua Majestade, só e entregue a si mesmo, sem ter consigo infantaria ou carros de combate; e [o hitita] virou as costas servilmente, cheio de medo. Então enviou muitos chefes, cada um com as equipagens dos seus carros armadas com armas de guerra. O Rei de Arzawa e o de Masa. O Rei de Arwama, o de Lukku, o de Dardanaya. O Rei de Carchemish, o Rei de Qarqqisha e o de Aleppo. Os irmãos do Rei de Hatti, todos como um só. Eles uniram numa única linha mil carros de combate e avançaram direito ao fogo.

Eu lancei-me ao seu encontro, semelhante a Montu;  
Dei-lhes a saborear o meu punho (var. mão) no espaço de um momento.  
Abri caminho por entre eles, matei-os logo ali.  
Um deles gritou para outro, de entre a multidão:  
« Não é um simples homem, aquele que está entre nós!  
(ele é) Set grande em poder, (o próprio) Baal em pessoa!  
Aquilo que faz não são os actos de um simples homem,  
Eles pertencem ao totalmente único!  
Àquele que vence miríades, sem tropas nem carros a seu lado.

Partamos daqui rapidamente, fujaamos diante dele,  
Procuremos vida para nós, possamos nós viver (respirar o ar)!  
Olha, todo o que se aproxima dele,  
Perde logo a força na mão e nas pernas.  
Ninguém pode esticar um arco ou sequer (empunhar) a lança  
Ao vê-lo chegar, cavalgando à distância».

Ora, Sua Majestade ia em perseguição deles, como um grifo.

Eu matei entre eles, sem descanso  
Levantei a voz para chamar as minhas tropas, dizendo:  
« Mantende-vos firmes, sede de coração intrépido, ó minhas tropas,  
Vede o meu triunfo à custa do meu esforço  
Tendo apenas Amon como protector, a sua mão comigo.  
Como são cobardes os vossos corações, guerreiros dos meus carros  
Também não vale a pena confiar em vós!  
Não haverá nenhum de vós, a quem eu tivesse feito bem, na minha terra?  
Não procedi como Senhor, quando éreis pobres?  
Pela minha diária beneficência, fiz que vos tornásseis grandes homens.  
Coloquei um filho na propriedade de seu pai  
Afastei todo o mal que nessa terra tinha havido  
Deixei os vossos servos para vós (para o vosso serviço)  
Dei-vos (de volta) aqueles que vos tinham sido retirados.  
A quem me apresentou petições, «Eu farei (isso,- aqui). Eu sou.»  
Disse-lhes todos os dias.  
Nenhum senhor fez pelo seu exército aquilo que fiz,  
De acordo com os vossos desejos.  
Permiti que ficásseis nas vossas cidades, livres de serviço militar.  
O mesmo fiz aos guerreiros dos meus carros,  
Mandei-os, pela estrada, para as suas terras, dizendo:  
«Encontrá-los-ei (tão facilmente como hoje)  
Na hora de reunir para a batalha.  
Ora vede - todos me haveis desiludido:  
Nenhum (homem) de entre vós se manteve firme  
Para me ajudar enquanto lutei.  
Como sofre o espírito de meu pai Amon.  
Oxalá estivesse eu no Egipto!  
Como o Antepassado dos meus antepassados,  
Eles que nunca viram os Sírios,  
(que nunca lutaram com eles, mesmo em tempos longínquos!)  
Nem nenhum de vós que viestes vangloriar-vos  
Do vosso (seu) serviço, na terra do Egipto».  
Quão melhor é levantar numerosos monumentos  
Em Tebas, cidade de Amon!  
O mal que as minhas tropas e os guerreiros dos meus carros fizeram  
É maior do que pode ser contado.

Olhai, Amon deu-me a sua vitória,  
Sem carros nem tropas a meu lado.  
Fez com que todas as terras distantes vissem a minha vitória  
À custa da força do meu braço,  
Eu, sozinho, comigo não estava um comandante,  
Um cocheiro, um soldado de infantaria, um moço de estrebaria.  
As terras estranhas que me contemplaram  
Levarão a minha fama (o meu nome)  
Até às terras distantes, ainda ignotas.  
Quanto aos que escaparam à minha mão,  
Ficaram imóveis, voltaram-se para trás, olhando o que eu tinha feito.  
Quando avancei por entre milhões deles,  
As suas pernas não lograram manter-se firmes e eles fugiram.  
As setas dos que me tomaram por alvo  
Desviaram-se ao chegar perto de mim.

Ora, quando Menna, o meu escudeiro,  
Vi que um número imenso de carros me cercava,  
Ficou aflito, o seu coração debilitou-se  
E um medo pânico alojou-se-lhe no corpo.

Então ele disse a Sua Majestade:

«Meu bom Senhor, ó poderoso soberano,  
Grande Protector do Egipto, no dia da batalha,  
Estamos só no meio do inimigo!  
Vê, as tropas e os carros abandonaram-nos,  
Porque te obstinas em salvá-los?  
Saíamos daqui, salva-nos Usimará Setepenré!»

Então Sua Majestade disse ao seu escudeiro:

«Sê firme, sê de coração intrépido, meu escudeiro;  
Eu rasgarei as suas fileiras como a garra de um falcão,  
Matando, trucidando, fazendo-os morder o pó.  
Que significam para ti estas criaturas fracas e efeminadas  
Se, de milhões delas, eu nada receio?

Então, Sua Majestade arranjou-se rapidamente e partiu a galope para o meio do adversário, pela sexta vez ele atacou-os.

Eu era como Baal no momento do seu poder.  
Matei entre eles, não poupei ninguém.

Ora quando as minhas tropas e os guerreiros dos meus carros me viram,  
Que eu era como Montu, forte era o meu braço,  
Amon, meu pai, estava ali comigo

Reduzindo a palha todos os países estrangeiros diante de mim,  
Apresentaram-se um a um,  
Aproximaram-se do campo ao anoitecer.  
Viram os países estrangeiros, contra os quais eu combatera,  
Jazendo derrubados no próprio sangue,  
Designadamente todos os excelentes guerreiros do Hatti,  
Irmãos e parentes do seu governante.  
Tornei brancos os campos da terra de Kadesh,  
Ninguém tinha onde pôr o pé devido ao grande número (de cadáveres).

Então o meu exército veio glorificar-me,  
De rostos atónitos ao ver o que eu fizera.  
Os meus oficiais vieram louvar a força do meu braço,  
Bem como os guerreiros dos meus carros, exaltando assim o meu nome:  
«Que excelente guerreiro é aquele que levanta a moral (das tropas),  
Tu que salvaste as tuas tropas e os teus carros de combate!  
Tu és o filho de Amon, matas com os seus braços  
Devastas a terra de Hatti pelo teu braço valente,  
Tu és um guerreiro completo, sem igual,  
O rei que luta em defesa do seu exército, no dia do conflito.  
És dotado de grande valor, o primeiro na linha de batalha  
Não te perturba nenhuma das terras, mesmo coligadas.  
És grande na vitória, à frente do teu exército,  
Na presença da terra inteira, sem clamores jactanciosos,  
Ó Protector do Egipto que submetes as terras estrangeiras,  
Quebraste para sempre a espinha de Hatti!»

Então, Sua Majestade disse às suas tropas e aos seus oficiais:

«Que se passa convosco, meus oficiais, minhas tropas, guerreiros dos meus carros  
Que não sabeis combater?  
Não é verdade que, ao regressar, um homem é honrado na cidade  
Após se ter portado como um herói diante do seu senhor?  
Bela na verdade é a glória que repetidamente se ganha nos campos de batalha,  
Em velho, um homem é respeitado pela força do seu braço.  
Será que não fiz bem a nenhum de vós  
Para me haverdes abandonado no meio da luta?  
Na verdade, como é feliz aquele que está vivo,  
Vós respiráveis, deixando-me entregue a mim mesmo!  
Ignorais no vosso espírito que eu sou a vossa muralha de ferro?  
Que se dirá nas conversas, quando souberem que me haveis abandonado  
Que eu fui deixado só, sem companheiro  
E nenhum comandante, carro ou soldado veio dar-me uma ajuda,  
Enquanto eu combatia?  
Repei, sozinho, um milhão de povos estrangeiros  
Com «Vitória em Tebas» e «Mut está contente», os grandes cavalos do meu carro  
Foi neles que encontrei ajuda

Quando sozinho lutei contra a multidão dos povos estrangeiros!  
Baixar-me-ei a alimentá-los eu próprio, todos os dias que estiver no Palácio!  
Foram eles que encontrei no meio da luta,  
Com o cocheiro Menna, meu escudeiro  
E com os meus mordomos que estavam a meu lado  
Os que testemunham por mim sobre [este] combate  
Vede, eu encontrei-os!»  
A Minha Majestade renunciou a maior fama e triunfo,  
Pois venci miríades pelo meu braço forte.

Quando chegou a manhã, organizei a linha de batalha para a luta,  
Estava preparado para lutar como um touro feroso.  
Apareci diante deles como Montu,  
Ornado pelos trajes do valor e da vitória.  
Entre nas linhas de batalha como a garra de um falcão  
A minha serpente Uraeus, venceu para mim os inimigos,  
Lambeu com a sua chama ardente a face dos meus inimigos  
Fui como Ré que aparece ao nascer do dia,  
Os meus raios queimavam os corpos dos rebeldes.  
Um deles clamou para os seus camaradas:  
«Cuidado, acautelai-vos, não vos aproximeis dele!  
Vede, é Sekhmet, a poderosa, é ela que está com ele  
Está na sua companhia, no seu cavalo, a sua mão está com ele!  
Assim que alguém tenta chegar junto dele,  
Logo uma chama ardente jorra e lhe queima o corpo!».

Então, mantiveram-se a distância,  
Levantando as mãos em homenagem a mim.  
Logo a Minha Majestade os capturou,  
Matando entre eles, sem descanso  
Eles tombavam diante dos meus cavalos,  
Jazendo vencidos, no meio do próprio sangue.

Nesse momento, o vil e derrotado Rei de Hatti enviou uma mensagem,  
Honrando o meu nome como o de Ré:  
«Tu és o próprio Sutekh, Baal em pessoa,  
O medo que inspiras é como um archote na terra de Hatti.»  
Então despachou o seu enviado, trazendo uma carta na mão,  
Dirigida ao poderoso nome da Minha Majestade  
Enviando saudações à majestade do palácio de:  
Hórus-Falcão, Touro Forte, Amado de Ma'at,  
Soberano protector do seu exército,  
Valente pelo seu braço forte;  
Muralha das suas tropas no dia da batalha;  
Rei do Egipto do Norte e do Sul, Usimaré Setepenré,  
Filho de Ré, Leão, o que possui forte braço,  
Ramsés II, que viva para sempre.

Este [humilde] servo fala, ele faz saber que:  
Tu és o próprio Filho de Ré, que saiu do seu corpo;  
Ele destinou-te o conjunto de todas as terras,  
Unidas numa única  
Tal como a terra do Egipto e a terra de Hatti, elas são tuas,  
Tuas servas – estão a teus pés,  
Pre teu augusto pai deu-as para ti.  
Não nos oprimas!  
Vê, o teu poder é grande,  
O teu poder pesa sobre a terra de Hatti.  
É bom que mates os teus servos,  
[Que] a tua face feroz [esteja] contra eles  
Sem [deles] haveres piedade?  
Vê, passaste o dia de ontem matando miríades,  
Vieste hoje e não deixaste herdeiros!  
Não seas severo nas tuas palavras, ó rei Vitorioso!  
A paz é melhor do que a guerra; concede-nos o hálito da vida!»

Então a Minha Majestade renunciou em vida e soberania,  
Eu que fui como Montu no seu momento [de triunfo],  
Quando o seu ataque foi bem sucedido.

Então a Minha Majestade trouxe até mim todos os chefes da minha infantaria e dos meus carros de combate e todos os meus oficiais superiores, todos reunidos, para que ouvissem o conteúdo da mensagem que me fora enviada. Então dei-lhes a ouvir as palavras que o vil Rei de Hatti me havia escrito.

Eles disseram em uníssono: « Na verdade a paz é excelente, Ó Soberano, Senhor nosso! Não há desonra (vergonha) na paz quando és tu que a fazes. Quem poderá resistir-te, no dia da tua cólera?»

Então Sua [var. Minha] Majestade decretou que a sua palavra fosse obedecida,  
Ele [var. Eu] voltou pacificamente para o sul.

Sua Majestade partiu para o Egipto em paz,  
Com as tropas e carros de combate  
Na posse de toda a protecção talismânica do seu corpo,  
Para ele submetendo todas as terras  
No temor dele.  
Fora o poder de Sua Majestade que havia protegido o exército,  
Todas as terras celebravam o seu belo semblante.  
Chegou em paz ao Egipto, a Per-Ramsés, Grande-em-Vitórias,  
E descansou no seu Palácio de vida e soberania, como Ré no horizonte.

Os deuses da terra <vieram> até ele, saudando-o e dizendo:

«Bem-vindo seja o nosso amado Filho, Rei do Egipto do Sul e do Norte, Usimare Setepenré, Filho de Ré, Ramsés II, que viva! – uma vez que lhe tinham dado um mi-

lhão de jubileus e a eternidade sobre o trono de Ré, todas as terras e todas as terras estrangeiras estavam derrotadas e pisadas debaixo das suas sandálias, eternamente e para sempre.

(Papiro Sallier, Cólófon)

Este texto [foi escrito] no Ano 9, segundo mês de Shemu, Dia <1>, do Rei do Sul e do Norte do Egípto, Usima[ré] Setepenré, Vida Saúde Força, Filho de Ré, Ramsés II, Vida Saúde Força, que viva eternamente e para sempre com Ré, seu pai.

*Foi completado, sucessivamente...* Pelo espírito do Arquivista chefe [do Tesouro do Faraó, Vida Saúde Força, Amenemoné, ] o Escriba do Tesouro do Faraó, [Vida Saúde Força], A[men]emwia e [o Escriba do] Tesouro do Faraó, [Vida Saúde Força...], Feito pelo Escriba Pentaweret [...].

(Tradução do autor a partir da versão inglesa de K.A. Kitchen)

### 8.1.3 O «*Texto do Boletim*»

Ano cinco, terceiro mês de Shemu, dia nove, sob (o governo) de:  
Hórus-Falcão, Touro Forte, Amado de Ma'at;  
Rei do Egípto do Sul e do Norte,  
Usimaré Setepenré,  
Filho de Ré,  
Que viva para sempre.

Ora, Sua Majestade encontrava-se na Síria (Djahy) na sua segunda vitoriosa campanha. Um feliz acordar para a vida, prosperidade e saúde, na tenda de Sua Majestade, na colina a sul de Kadesh. Depois disto, de manhã cedo, Sua Majestade apareceu tal como Ré quando brilha e revestiu os trajes de seu pai Montu. O Senhor [= o Rei] chegou à região sul da cidade de Shabtuna. Vieram então dois Shasu, da tribo dos Shasu, dizer a Sua Majestade:

«São os nossos irmãos que são chefes tribais sob o Vencido (rei) de Hatti quem nos enviou a Sua Majestade, dizendo: 'Tornar-nos-emos servos do Faraó, Vida, Saúde, Força e separar-nos-emos do Rei de Hatti'.»

Disse então Sua Majestade: «Quem são eles, os vossos irmãos que vos enviaram para falar destes assuntos com Sua Majestade?»

Disseram eles então a Sua Majestade: «Eles estão onde está o vil rei de Hatti, na região de Aleppo, a norte de Tunip. Ele receia demasiado o Faraó, Vida, Saúde, Força, para vir para sul, quando lhe disseram que o Faraó, Vida, Saúde, Força se dirigia para norte.

Ora, estes (dois) Shasu disseram estas coisas e mentiram a Sua Majestade. Tinha sido o Vencido (rei) de Hatti quem os enviara para descobrir (ver) onde se encontrava Sua Majestade, de modo a evitar que o exército de Sua Majestade estivesse pronto para lutar com o Vencido (rei) de Hatti.

Ora, o Vencido (rei) de Hatti tinha mandado os Shasu dizer estas coisas a Sua Majestade, logo que chegara com suas tropas e carros de combate, juntamente com as tropas e carros dos reis de todas as terras que pertenciam ao território da terra de Hatti, os quais trouxera como aliados para lutar contra o exército de Sua Majestade. Quanto

a ele estava pronto e preparado na retaguarda da Velha Kadesh – mas Sua Majestade ignorava que ele aí estava. Os dois Shasu que estavam na (real) presença foram interrogados (?).

Então, Sua Majestade, avançando para norte chegou a noroeste de Kadesh. O acampamento do exército de Sua Majestade aí foi estabelecido e Sua Majestade sentou-se no trono de *electrum*, a norte de Kadesh, na margem ocidental do (rio) Orontes.

Veio então um batedor que estava ao serviço de Sua Majestade, trazendo com ele dois batedores do Vencido (rei) de Hatti; eles foram introduzidos na (real) presença.

Então disse lhes Sua Majestade: «Quem sois?» Ao que eles responderam: «Nós pertencemos <ao> Soberano de Hatti – foi ele que nos enviou, para ver onde estava Sua Majestade.»

Disse-lhes Sua Majestade: «Onde é que se encontra o Rei do Hatti? Reparai, eu ouvi dizer que se encontra na região de Aleppo, a norte de Tunip.»

Eles disseram [a] Sua Majestade: Olha, o desprezível Rei de Hatti [já] chegou, juntamente com os muitos países que o acompanham, os quais trouxe como aliados [de todas as terras que pertencem à terra de Hatti]:

[A terra de Dardanaya], a terra de Naharina;  
A terra dos Kaska, os de Masa, os de Pidassa;  
A terra de Qarqisa, e Lukku, (e) a terra de Carchemish  
A terra de Arzawa, a terra de Ugarit, a de Arwana;  
A terra de Alshe, Mushnatu e Kadesh;  
Aleppo e toda a terra de Qode;

Estão providos de infantaria e carros de combate [transportando as suas armas de guerra]; são mais numerosos que a areia das praias. Olha, eles estão equipados, prontos a combater, na retaguarda da Velha Kadesh!».

Então, Sua Majestade convocou os seus comandantes à (real) presença para lhes dar a ouvir as palavras que os espiões do Vencido (rei) de Hatti haviam proferido.

Disse-lhes, então, Sua Majestade: «Vedes a situação (em que) se encontram os comandantes das guarnições e os Reis dos países estrangeiros, bem como os chefes das terras do Faraó, Vida, Saúde, Força, que eles [ali] continuam a dizer diariamente ao Faraó, Vida, Saúde, Força: «O vil Rei de Hatti está na região de Aleppo, a norte de Tunip, tendo-se desvanecido diante de Sua Majestade, depois de ouvir (a notícia): ‘Olhai, o Faraó chegou!’ – Assim dizem eles, os que diariamente falam com Sua Majestade! Mas atendei, ouvi neste preciso momento, da boca destes dois espiões do Vencido (rei) de Hatti, que o vil Rei de Hatti (já) chegou, na companhia gente de numerosas terras estrangeiras, tão numerosas como a areia. Vede, eles estão escondidos atrás da Velha Kadesh – [assim, está dito] – e os governadores, que têm a seu cargo as terras do Faraó, Vida, Saúde, Força, não foram capazes de nos dizer que eles [os de Hatti] tinham chegado!»

Os comandantes que estavam na (real) presença disseram e responderam assim ao [deus] Bom: «(É) um grande crime o que os Reis dos países estrangeiros e chefes (do Faraó, Vida, Saúde, Força) cometeram (em) não fazer com lhes fosse comunicada a (posição) do Vencido (rei) de Hatti, esteja ele onde estiver, de modo que a pudessem, diariamente, relatar ao Faraó, Vida, Saúde, Força.»

Então foi ordenado ao Vizir que apressasse o exército de Sua Majestade, o qual (ainda) marchava a sul da cidade de Shabtuna, para que os alcançasse no sítio onde estava Sua Majestade. Mas (na mesma altura) em que Sua Majestade se sentara para falar com os seus comandantes, o vil e Vencido (rei) de Hatti veio com os seus carros e tropas bem como os numerosos países estrangeiros que o acompanhavam. Atravessaram o vau (mesmo) ao sul de Kadesh, entraram pelo meio das tropas de Sua Majestade enquanto estas marchavam descuidadas. Então as tropas e os carros de Sua Majestade cederam diante deles, na sua jornada para norte onde Sua Majestade se encontrava. Então as tropas do Vencido (rei) de Hatti cercaram os súbditos de Sua Majestade que estavam desse lado.

Assim que Sua Majestade houve deles vista  
 Imediatamente apareceu  
 (Logo) se arrojou de encontro a eles,  
 Como seu pai Montu (Senhor de Tebas).  
 Tomou as suas armas de guerra  
 Ele mesmo cingiu a cota de malha  
 - Era com Sutekh [var. Baal] no seu momento de poder.  
 Montou, então [«Vitória em Tebas»] a sua parelha [var. os seus cavalos].  
 Preparou-se rapidamente, absolutamente só  
 Sua Majestade, estava forte e firme o seu coração,  
 Ninguém podia levantar-se diante dele.  
 Todo o seu ser jorrando chamas.  
 Queimou todas as terras estrangeiras com o seu hálito.  
 Seus olhos tornaram-se selvagens quando os viu,  
 O seu poder brilhou como fogo contra eles.  
 Não deu quartel (nem mesmo) a um milhão de estrangeiros,  
 Considerou-os como palha.

Então Sua Majestade entrou pelas fileiras dos Vencidos de Hatti,  
 Assim como nas dos países estrangeiros que estavam com eles,  
 Sua Majestade como Sutekh, grande em força,  
 Como Sekhmet no momento da sua fúria.  
 Sua Majestade, chacinou todos os soldados inimigos  
 Do vil e Vencido (rei) de Hatti  
 Juntamente com todos os seus grandes chefes e os seus irmãos,  
 Tal como os chefes de todos os países estrangeiros  
 Que tinham vindo com ele  
 E todas as tropas e as guarnições dos carros  
 Tombaram sobre as faces, uns sobre os outros.  
 Sua Majestade matou e chacinou-os ali onde caíram,  
 Quando jaziam estatelados diante dos seus cavalos,  
 Sua Majestade estava sozinho, ninguém mais estava com ele.  
 Então Sua Majestade forçou as fileiras dos miseráveis de Hatti  
 Estendidos ao comprido, uns sobre os outros  
 Para fender os rostos deles,  
 Mergulhando como crocodilos, nas águas do Orontes.

«Eu estava atrás deles como um grifo  
Sozinho derrotei todas as terras estrangeiras  
As minhas tropas e os meus carros de combate abandonaram-me  
Nenhum deles se deteve olhando para trás.  
Assim como Ré vive para mim e me ama  
E tal como Atum, meu pai, me favorece  
Escutando tudo aquilo que a Minha Majestade disse,  
- Eu aniquilei-os realmente,  
Na presença das minhas tropas e dos meus carros de combate».

(O palimpsesto de Luxor continua - muito fragmentado)

[...] eu fui como Montu, a sua força [estava comigo?...]  
todas [...grande parte perdida...]  
[...] como serpentes [... parte perdida...]  
[...] eles, desmontando [...]

[o restante está muito fragmentado]

(Tradução do autor a partir da versão inglesa de K.A. Kitchen)

#### 8.1.4 *Tratado de paz entre Hattusili III e Ramsés II*

O tratado de paz entre os reis do Egípto e de Hatti foi celebrado em 1284, com o intuito de pôr fim a uma guerra que se revelara mutuamente desgastante e inconclusiva. Inicialmente escrito em aramaico, dele apresentamos seguidamente as versões hitita e egípcia, segundo A. Goetze e C. Desroches-Noblecourt, as quais vertemos em português.

##### 8.1.4.1 *Versão Hitita*<sup>54</sup>

###### *Título*

Tratado de Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o rei da terra do Egípto, o forte, com Hattusili, o grande rei da terra de Hatti, seu irmão, a fim de estabelecer boa paz e boa fraternidade, dignas das suas majestades, entre eles e para sempre.

###### *Preâmbulo*

Estas são as palavras de Rea-mashesha mai amana, o grande rei da terra do Egípto, o herói de todas as terras, o filho de Min-mua-rea, o grande rei, o rei da terra do Egípto, o forte, o neto de Minpakhta-rea, o rei da terra do Egípto, o forte, ditas a Hattusili, o grande rei, o rei da terra de Hatti, o forte, o filho de Mursili, o grande rei, o rei da terra de Hatti, o forte, o neto de Suppiluliuma, o grande rei, o rei da terra de Hatti, o forte.

###### *Relações anteriores à conclusão do tratado*

Agora estabeleci boa fraternidade e boa paz entre nós para sempre. A fim de estabelecer para sempre boa paz e e boa fraternidade nas relações entre a terra do Egípto e a terra do Hatti, eu digo assim: Vede, no que respeita ao futuro relacionamento entre a terra do Egípto e a terra de Hatti, que o deus não permita qualquer hostilidade entre

<sup>54</sup>GOETZE, *Egyptian and Hitite Treatises*, pp. 201-203.

eles, por causa deste tratado que é válido para sempre. Vede, Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o rei da terra do Egípto, no intuito de pôr em prática a relação que o deus do Sol e o deus da Tempestade asseguraram entre a terra do Egípto e a terra de Hatti, decidiu ele mesmo adotar um relacionamento válido desde a eternidade que não permite qualquer hostilidade entre eles até ao final dos tempos.

#### *O presente tratado*

Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o rei do Egípto, registou um tratado escrito sobre uma placa de prata, com Hattusili, o grande rei, o rei da terra de Hatti, seu irmão a partir deste dia, nos termos do qual se estabelece boa paz e boa fraternidade entre nós e para sempre. Ele é um irmão para mim e eu sou um irmão para ele e com ele para sempre estou em paz. E tal como é para nós, a nossa fraternidade e a nossa paz foi alcançada e será melhor que a fraternidade e a paz que anteriormente existia entre a terra do Egípto e a terra de Hatti.

#### *Relações futuras entre os dois países*

Vede, Rea-mashesha mai amana, o rei da terra do Egípto está em boa paz e em boa fraternidade com Hattusili, o grande rei, o rei da terra de Hatti.

Vede, os filhos de Rea-mashesha mai amana, rei da terra do Egípto, para sempre estão em paz com seus irmãos, filhos de, Hattusili, o grande rei, rei da terra de Hatti. Eles estão em relação de fraternidade e paz, tal como nós.

E quanto ao relacionamento entre as terras do Egípto e de Hatti, elas estão, como nós, em paz e fraternidade para sempre.

#### *Renúncia mútua à agressão*

De futuro, Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o rei da terra do Egípto, não entrará na terra de Hatti para se apoderar de alguma coisa e Hattusili, o grande rei, o rei da terra de Hatti não entrará, de futuro, na terra do Egípto para se apoderar de alguma coisa.

Vede a santa lei válida para sempre que o deus do Sol e o deus das tempestades levaram a efeito tal como as terras do Egípto e de Hatti clamam por paz e fraternidade para que nenhuma hostilidade surja entre elas.

Vede, Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o rei da terra do Egípto, decidiu celebrá-lo (o tratado) a fim de promover o bem-estar, a partir deste dia.

Vede, a terra do Egípto na sua relação com a terra de Hatti, estão em paz e fraternidade para sempre.

#### *Aliança defensiva*

Se um inimigo do exterior vier contra a terra de Hatti, o grande rei, o rei da terra de Hatti me mandar dizer: "vem até mim contra ele", Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o rei da terra do Egípto, mandará soldados apeados e os guerreiros dos seus carros e eles derrotarão o inimigo e dele tomarão vingança para salvação da terra de Hatti.

E se Hattusili, o grande rei, o rei da terra de Hatti estiver de mal com os seus servos e eles contra si prevaricarem e apelar a Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o rei da terra do Egípto por sua causa, vêde! Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o

rei da terra do Egípto enviará os seus soldados apeados e os seus carros e destruirá todos aqueles com os quais (Hattusili) estiver irritado.

Se um inimigo externo vier contra o Egípto e Rea-mashesha mai amana, o rei da terra do Egípto, seu irmão, apelar a Hattusili, o rei da terra de Hatti, seu irmão, dizendo: "Vem aqui para me ajudares contra ele" – Vede! Hattusili, o rei da terra de Hatti, enviará os seus soldados apeados (e) os seus carros e destroçará os meus (seus?) inimigos.

E se Rea-mashesha mai amana, o rei da terra do Egípto, houver agravo dos seus servos e se estes prevaricarem contra ele e apelar a Hattusili, o rei da terra de Hatti, seu irmão, por causa deles – Vede! Hattusili, o rei da terra de Hatti, enviará os seus soldados apeados e os seus carros e eles destruirão todos aqueles contra os quais (Ramsés) está irritado.

*Sucessão ao trono (de Hatti)*

Escutai, o filho de Hattusili, o rei da terra de Hatti será proclamado rei da terra de Hatti em lugar de Hattusili, depois dos muitos anos de Hattusili, o rei da terra de Hatti. Se os nobres da terra de Hatti cometerem ofensa contra ele, vede! Rea-mashesha mai, o rei do Egípto enviará os seus guerreiros apeados e os seus carros para deles tomar vingança pela salvação da terra de Hatti. E depois de haverem restabelecido a ordem, eles regressarão à terra do Egípto.

*(A contrapartida relativamente ao Egípto perdeu-se)*

*Extradição de fugitivos*

Se um nobre fugir da terra de Hatti e se tal homem vier a Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o rei da terra do Egípto para entrar ao seu serviço – seja ele um... pertencente a Hattusili ou uma simples cidade – Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o rei da terra do Egípto capturá-los-á e e enviá-los-á de volta para o rei da terra de Hatti.

*(várias linhas perdidas)*

Se um nobre fugir de Rea-mashesha mai amana, o rei da terra do Egípto e se um tal homem vier para a terra de Hatti, Hattusili o grande rei da terra de Hatti, capturá-lo-á e enviá-lo-á de volta para Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o rei da terra do Egípto, seu irmão.

Se um homem da terra de Hatti ou dois homens, ou três homens vierem ter com Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o rei da terra do Egípto, Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o rei da terra do Egípto capturá-los-á e enviá-los-á a Hattusili, seu irmão. Rea-mashesha e Hattusili são verdadeiramente irmãos; assim que não lhes inflinjam punição pelos seus pecados (dos fugitivos), que não arranquem os seus olhos, que não se vinguem sobre o seu povo... bem como sobre as suas mulheres e filhos.

Se um homem fugir do Egípto ou dois homens, ou três homens e vierem ter com Hattusili, o grande rei, o rei da terra da terra de Hatti, o grande rei, o rei da terra de Hatti, seu irmão capturá-los-á e enviá-los-á [a Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o rei da] terra do Egípto. Hattusili, o rei da terra de Hatti] e Rea-mashesha mai amana, o grande rei, o R.[ei da terra do Egípto são verdadeiramente irmãos; assim, que não lhes inflinjam punição pelos seus pecados (dos fugitivos), [...] que não arranquem os seus olhos, [que não se vinguem sobre o seu povo... bem como] sobre as suas mulheres e filhos.

(A partir daqui, a tradução hitita encontra-se fragmentada. Falta, nomeadamente a lista dos deuses invocados como testemunhas)

#### 8.1.4.2. Versão Egípcia<sup>55</sup>

O tratado que o grande senhor de Hatti, o herói, filho de Mursili, o grande senhor de Hatti, o herói, neto de Suppiluliuma, o grande senhor de Hatti, o herói, mandou redigir sobre uma placa de prata para Usermaétré Setepenré, o grande rei do Egípto, o herói, filho de Menmaétré, o grande rei do Egípto, o herói:

Este tratado de paz e de honesta fraternidade, que ele promova a paz e a fraternidade entre nós, graças a este tratado entre o Hatti e o Egípto, por toda a eternidade.

No que respeita a Muwattalli, o grande senhor de Hatti, ele combateu contra o grande soberano do Egípto. Quando sucumbiu ao seu destino, Hattusili, sucedeu-lhe no trono de seu pai...

...Hoje, ele subscreveu um tratado para estabelecer a relação que Ré fez entre a terra do Egípto e a terra de Hatti, para evitar as hostilidades entre eles, para sempre... Que os filhos do grande senhor de Hatti permaneçam em paz com os filhos dos filhos de Ramsés...

...O grande senhor de Hatti jamais violará a terra do Egípto para pilhá-la, Usermaétré Setepenré jamais invadirá a terra de Hatti para pilhá-la...

Quanto ao antigo tratado em vigor nos tempos de Suppiluliuma, o grande senhor de Hatti, bem como o tratado permanente que datava da época de Muwattali, o grande senhor de Hatti, meu pai, agora eu o subscrevo. Vê, Ramsés, o grande rei do Egípto, mantém a paz que fez connosco a partir deste dia...

Se um inimigo, seja ele quem for, atacar os territórios de Usermaétré Setepenré, o grande rei do Egípto, e se este último enviar o seu mensageiro ao grande senhor de Hatti para lhe dizer: "Vem em meu socorro e marchemos (juntos) contra ele", o grande senhor de Hatti virá em seu socorro e massacrará o inimigo.

Se, no entanto, o grande senhor de Hatti, não quiser vir combater em pessoa, que envie as suas tropas e os seus carros para vencer os inimigos.

(Texto demasiado deteriorado)

#### *Extradição de refugiados poderosos*

Se um homem importante fugir da terra do Egípto e chegar à terra do grande senhor de Hatti, ou a uma cidade ou a uma região que pertença a Ramsés-mi-Amon, o grande senhor de Hatti não deve recebê-lo. Ele deve fazer o necessário para entregá-lo a Usermaétré Setepenré, o grande rei do Egípto, seu senhor.

#### *Extradição de refugiados comuns*

Se um ou dois homens sem importância fugirem e se refugiarem na terra de Hatti para servir a outro senhor, não deve acontecer que eles possam permanecer na terra de Hatti; é preciso devolvê-los a Ramsés-mi-Amon, o grande rei do Egípto.

<sup>55</sup> DESROCHES NOBLECOURT, *Ramsès II, la véritable histoire*, pp. 288-291.

*Amnistia para os refugiados*

Se um egípcio ou ainda dois ou três fugirem do Egipto e chegarem à terra de Hatti... Nesse caso, o grande senhor de Hatti prendê-lo-á (*sic*) e devolvê-lo-á a Ramsés, grande soberano do Egipto: Não lhe será censurado o seu erro, a casa dele não será destruída, suas mulheres e filhos terão a vida salva e ele não será condenado à morte. Não lhe será infligido qualquer ferimento, seja nos olhos, nas orelhas, na boca ou nas pernas. Nenhum crime lhe será imputado

(*segue-se uma cláusula de reciprocidade no que concerne ao lado hitita, redigida em termos análogos*).

*Deuses dos dois países que são testemunhas do tratado*

No que diz respeito às palavras do tratado que o grande senhor de Hatti trocou com o grande rei do Egipto, Ramsés-mi-Amon. Elas estão inscritas sobre esta placa de prata. Estas palavras, mil deuses e mil deusas da terra de Hatti e mil formas divinas masculinas e femininas ouviram-nas e delas são testemunhas: o sol masculino, senhor do céu, o sol feminino da cidade de Arinna.

Set de Hatti, Set da cidade de Arinna, Set da cidade de Zippalanda, Set da cidade de Pittiyarik, Set da cidade de Saressa, Set da cidade de Haleb (Alepo), Set da cidade de Luczina, Set da cidade de Nushashé, Set da cidade de Shapina, Astarté da terra de Hatti...

...A deusa de Karahna, a deusa do campo de batalha, a deusa de Ninive...a rainha do céu, os deuses senhores do juramento...

...a soberana das montanhas e dos rios da terra de Hatti, os deuses da terra de Kiz-zuwatna, Amon, Ré e Set, as formas divinas masculinas e femininas, as montanhas e os rios do Egipto; o céu; a terra; o grande mar, os ventos; as nuvens, a tempestade.

*A protecção do tratado*

No que diz respeito às palavras que estão gravadas nesta placa de prata da terra de Hatti e da terra do Egipto, as mil formas divinas da terra de Hatti e as mil formas divinas da terra do Egipto, destruirão a casa, a terra e os servos de todo aquele que as não respeitar.

Quanto àquele que respeitar estas palavras inscritas nesta placa de prata, (seja ele) Hitita ou Egípcio, e que as tiver em mente, as mil formas da terra de Hatti e as mil formas da terra do Egipto, lhe haverão de assegurar prosperidade e vida à sua casa, ao seu país e aos seus servidores.

*Agradecimento*

O autor apresenta os seus agradecimentos ao Professor Doutor José Nunes Carreira a quem deve, para além de valiosos comentários, a possibilidade de aceder a vários artigos da sua autoria.

Agradece igualmente ao Mestre Pedro Rodrigues, pelo empréstimo de vários livros respeitantes ao Império Novo e à Época Raméssida.